

## O CIBERPAJÉ, O POSTHUMAN TANTRA E A IV SACERDOTISA: performance como ato poético e ritual mítico de transmutação

Danielle Barros Silva Fortuna<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo aborda e analisa, a partir da metodologia qualitativa de observação participante e pesquisa exploratória (MINAYO, 2010), duas performances do Posthuman Tantra – banda criada pelo artista transmídia Edgar Franco - como expressão performática da Aurora Pós-Humana, tomando como fundamentação teórica Renato Cohen (2002) e Jorge Glusberg (2009) sobre a arte da performance e a performance como linguagem. As duas performances analisadas neste artigo, intituladas “*Sex Bot Mantra*”, foram, uma realizada na Unievangélica/Anápolis-GO, que foi censurada; e a outra, ocorrida na UFG, Goiânia-GO, cuja a autora do artigo experienciou. O texto identifica ainda, como a figura do Ciberpajé, - o Edgar Franco transmutado - a partir da incorporação de seu “ritual mítico” (COHEN, 2002), transpõe a performance para a vida como um “ato poético” (JODOROWSKY, 2009) de magia que forja sua realidade, tendo como um de seus desdobramentos, a ação performática da IV Sacerdotisa Danielle Barros, persona incorporada pela autora do artigo sob influência do Ciberpajé.

**PALAVRAS-CHAVE:** Performance, Posthuman Tantra, Ciberpajé, IV Sacerdotisa.

**ABSTRACT:** This article draws on the qualitative methodology of participant observation and exploratory research (MINAYO, 2010) in order to approach and analyze two performances of the Posthuman Tantra - a band created by the transmedia artist Edgar Franco - as a performing manifestation of the Posthuman Dawn (Aurora Pós-Humana), and follows as theoretical background the works of Renato Cohen (2002) and Jorge Glusberg (2009) about performance art and performance as speech. This article analyzes two performances, both called *Sex Bot Mantra*. The first of them, which was censored, took place at the Unievangélica, in Anápolis, GO; and the latter, which was experienced by this article’s author, took place at the UFG (Federal University of Goiânia), in Goiânia, GO. The text also identifies how the Ciberpajé’s character - a transmuted Edgar Franco - bridges the performance to life as a “poetic act” (JODOROWSKY, 2009) of magic able to frame its own reality, and which has as outcome the performing act of Danielle Barros as the IV Priestess, a persona that has been embodied by this article’s writer as a result of the Ciberpajé’s influence.

**KEY-WORDS:** Performance, Posthuman Tantra, Ciberpajé, IV Sacerdotisa.

---

<sup>1</sup> IV Sacerdotisa da Aurora Pós-Humana, artista, bióloga, mestre e doutora em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (IOC-Fiocruz). E-mail: danbiologa@gmail.com

## O UNIVERSO FICCIONAL DA AURORA PÓS-HUMANA

A “Aurora Pós-Humana” é um universo ficcional transmídia e sistema “mágicko” criado pelo artista transmídia Edgar Franco, o Ciberpajé. A poética deste universo abrange um futuro onde a maioria das proposições da ciência e da tecnologia de ponta estaria materializada como uma realidade trivial, e a humanidade teria passado por uma brusca ruptura de valores, de forma física e de conteúdo, no âmbito ideológico, religioso, social e cultural. Nesse contexto, a transferência da consciência humana para chips de computador seria algo possível e cotidiano, sendo permitido às pessoas optarem por abandonar seus corpos orgânicos por novas interfaces robóticas. A bioengenharia estaria tão avançada que a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais seria comum, gerando infinitas possibilidades de mixagem antropomórfica, possibilitando formas de vida que remetem a quimeras mitológicas. Nesse universo, as espécies pós-humanas formam culturas antagônicas e hegemônicas disputando o poder em cidades estado ao redor do planeta enquanto uma pequena parcela da população, uma casta oprimida e em vias de extinção, os seres humanos denominados “resistentes” insistem em preservar as características humanas, resistindo às mudanças (FRANCO, FORTUNA, 2013). De acordo com as palavras do próprio criador:

A Aurora Pós-humana é um universo transmídia de ficção científica (...) A poética surgiu do desejo de vislumbrar um novo planeta Terra inspirado em perspectivas pós-humanas. Um mundo futuro onde as proposições de cientistas, ciberartistas e transumanistas tornaram-se realidade, no qual a raça humana, como a conhecemos, está em processo de extinção. O corpo e a mente estão reconfigurados e em constante mutação. Limites entre animal, vegetal e mineral estão se dissipando, a morte não é mais algo inevitável e novas formas de misticismo e transcendência tecnológica, a “tecnognose” (Erik Davis, 1998), substituíram quase por completo as religiões ancestrais. A Aurora Pós-humana é um universo em expansão, já que constantemente estão sendo agregados a ela dados e novas características que regem essa futura sociedade pós-humana (FRANCO, 2013, p.3).

No artigo “Por uma antropologia do Ciberpajé: Misticismo e transcendência tecnológica na obra ficcional transmídia de Edgar Silveira Franco”, o pesquisador Dr. Edgar Smaniotto analisa a mitologia da Aurora Pós-Humana, suas inspirações conceituais

e filosóficas articulando a persona do Ciberpajé e seu misticismo. De acordo com Smaniotto (2014, p.4), o universo ficcional criado por Franco dedica-se especialmente “a pensar a condição humana frente ao desenvolvimento das novas tecnologias, que permitiram a manipulação biocibertecnológica do ser humano”. Para tanto, ao desenvolver o universo ficcional da Aurora Pós-humana, Franco abre uma discussão pertinente e urgente através da arte e da filosofia acerca de diversos assuntos como o pós-humanismo, a genética, a biotecnologia, o transumanismo, a inteligência artificial e suas implicações no contexto contemporâneo. Sobre as bases conceituais desse universo e seu surgimento, de acordo com Franco e Fortuna (2015, p. 151),

A “Aurora Pós-humana” foi criada inspirada em artistas, cientistas e filósofos que refletem sobre o impacto das novas tecnologias: bioengenharia, nanotecnologia, robótica, telemática e realidade virtual sobre a espécie humana. Para sua criação, o autor também inspirou-se no reflexo desses questionamentos na cultura pop, com o surgimento de filmes (eXistenZ, Matrix, Gattaca) e de seitas como as dos Imortalistas, Prometeístas, Transtopianos e Raelianos. Esses últimos, por exemplo, creem na clonagem como possibilidade de acesso à vida eterna, nos alimentos transgênicos como responsáveis futuros pelo fim da fome no planeta, e na nanotecnologia e robótica como panacéia que eliminará o trabalho humano. Dentre essas polêmicas, previsões e vivências, que surgiu, ainda no ano de 2000, a semente desse universo poético-ficcional, a “Aurora Biocibertecnológica”, que foi posteriormente batizado de “Aurora Pós-humana” (2015, p.151).

Este universo tem sido aos poucos detalhado com dezenas de parâmetros e características, trata-se de um *work in progress* que toma como base todas as prospecções da ciência e das artes de ponta para reestruturar seus parâmetros. Segundo Franco (2012), um dos objetivos de suas obras é burlar a perspectiva compartimentada das narrativas transmidiáticas no contexto da indústria cultural e tentar produzir trabalhos artísticos que utilizem as mesmas estratégias transmídia, mas com objetivos poéticos e de autoexpressão.

A base bibliográfica e conceitual de inspiração criativa para a “Aurora Pós-humana” inclui o estudo das obras e pesquisas de artistas envolvidos com a criação e reflexão sobre as novas tecnologias como Stelarc, Roy Ascott, Orlan, H.R.Giger; de filósofos e pesquisadores da consciência como Max More, Ray Kurzweil, Hans Moravec, Rupert Sheldrake, Teilhard de Chardin e Stanislav Grof; e de magistas como Austin Osman Spare, Aleister Crowley, Paschal Beverly Randolph, Eliphas Levi, Helena Blavatsky, entre outros.

Tal abrangência conceitual - baseada nos estudos do pós-humano, da magia, da ciência, do uso da biotecnologia e suas implicações na humanidade, - permitiu a Franco criar, além de histórias em quadrinhos<sup>2</sup> com metodologias inovadoras e experimentais, obras em múltiplas mídias, muitas delas tendo como suporte o computador, convergindo linguagens artísticas diversas.

Para citar algumas obras e sua atuação transmídia, que abrangem desde as HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas), como “Ariadne e o Labirinto Pós-humano” e “Neomaso Prometeu”; a criação de HQforismos (união da linguagem dos quadrinhos e os aforismos); os HQGiforismos (experimentalismo que une HQ, aforismos e Gif); os Quadrinhos Expandidos<sup>3</sup>; passando pelos aforismos filosóficos; pela música eletrônica de base digital com experimentos práticos de arte magística sonora (que abrange os CDs do Posthuman Tantra, os EPs do Projeto Ciberpajé com aforismos musicados e os singles da série de Sigilos Sonoros ocultistas); vídeoclipes; vídeo arte; ilustrações; ensaios fotográficos conceituais; web arte; por criações em *Game Art*, obras baseadas em vida artificial e algoritmos evolucionários; instalações interativas; animações e chegando à performances multimídia com o projeto musical performático *Posthuman Tantra*, que, dentre tantas atuações transmídia que o artista transita, consiste no tema do presente artigo. Mas antes de abordar sobre as performances do *Posthuman Tantra* de forma detida, é pertinente falar sobre o artista em si e seu processo ritualístico de transmutação em Ciberpajé, o qual também envolve aspectos performáticos.

---

<sup>2</sup>Os quadrinhos ambientados na *Aurora Pós-humana* têm sido explorados em três contextos: a) a trilogia *BioCyberDrama*, parceria com o renomado quadrinhista Mozart Couto, tendo a primeira parte lançada pela editora Opera Graphica em 2003 e a saga completa lançada em um álbum intitulado *BioCyberDrama Saga* pela Editora da UFG em 2013, com segunda edição ampliada e em capa dura lançada em 2016; b) na revista em quadrinhos anual *Artlectos e Pós-humanos*, que já teve 11 números publicados pela editora *Marca de Fantasia (UFPB)*, sendo a edição 11<sup>a</sup> lançada em 2017; c) e em todos os fanzines de quadrinhos criados por Franco ao longo de sua carreira, sendo o seu mais recente, o zine “UIVO”, que já conta com 4 edições lançadas.

<sup>3</sup>Segundo Franco (2016), os Quadrinhos Expandidos utiliza-se de novos recursos tecnológicos e hipermediáticos na sua linguagem e fruição, além de recursos não tradicionais para a sua gestação. O processo criativo é gerado a partir dos “plug-ins de neocortex”, os chamados enteógenos, que funcionam como softwares livres da natureza que permitem a expansão da consciência humana a estados ampliados, assim como outras técnicas de ENOC – estados não ordinários de consciência, com destaque para a Respiração Holotrópica e a Magia de Sigilos.

**EDGAR FRANCO E A TRANSMUTAÇÃO EM CIBERPAJÉ**

Edgar Franco nasceu em 20 de setembro de 1971, em Ituiutaba (MG), e publicou sua primeira história em quadrinhos (HQ) em um fanzine aos 12 anos. Desde então segue criando nas mais diversas mídias e suportes. Graduiu-se em arquitetura e urbanismo na Universidade de Brasília (UnB), oportunidade em que iniciou suas pesquisas sobre a linguagem dos quadrinhos relacionando-as com a arquitetura. Esse estudo resultou no livro *História em Quadrinhos e Arquitetura*, publicado pela editora Marca de Fantasia em 2004, com segunda edição lançada em 2012. cursou mestrado em Multimeios na Unicamp onde pesquisou as HQs na Internet, nomeando essa linguagem híbrida de quadrinhos e hipermídia de HQtrônicas (histórias em quadrinhos eletrônicas). Essa pesquisa foi a gênese do notório livro “HQtrônicas: Do Suporte Papel à Rede Internet” editado em 2005 pela parceria entre as editoras Annablume e a FAPESP, com segunda edição publicada em 2008. Em 2006 concluiu o doutorado em Artes na ECA/USP. Atuou como professor dos cursos de Ciência da Computação e Arquitetura e Urbanismo da PUC-MG (Unidade Poços de Caldas) e hoje é docente na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, onde também é professor permanente no Programa de Pós-graduação - Mestrado e Doutorado - em Arte e Cultura Visual. Em 2011 concluiu o pós-doutorado em Artes no Programa de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, Linha de Pesquisa Arte e Tecnologia em que desenvolveu a pesquisa “Aurora Pós-humana: Expansão de um Universo Artístico Ficcional Transmídia”.

É o mentor do projeto musical Posthuman Tantra com o qual realiza performances híbridas multimídia, com uma série de CDs lançados no Brasil e exterior. Franco está entre os principais criadores e pesquisadores de quadrinhos autorais do Brasil, sobretudo no gênero de HQ “Poético-Filosóficas”, um gênero de quadrinhos genuinamente brasileiro (SANTOS NETO, 2009), que aborda questões existenciais e filosóficas através da arte e da linguagem dos quadrinhos. Em 2011, através de uma série de ações performáticas transmidiáticas, declarou-se Ciberpajé, identidade que assume desde então. O que é ser Ciberpajé? De acordo com entrevista concedida a Tiago Alcântara para a Revista ComCiência da Unicamp, Franco (2016, s.p.) afirma:

Eu criei o processo ritualístico de transmutação que me tornou Ciberpajé durante uma profunda crise existencial que vivi no ano de 2011. Ela foi deflagrada inicialmente por uma impactante experiência com o enteógeno *Psilocybe Cubensis* que causou uma revisão de muitos dos valores pessoais que ainda regiam minha vida naquele momento. A crise levou-me à ampliação da minha percepção. As máscaras do mundo esfacelaram-se diante de mim e vi tudo muito claramente, com uma limpidez absoluta. Toda a imundície em sua forma mais obtusa e ao mesmo tempo toda a infinita beleza de nossa espécie. Percebi não existir nenhum paradoxo entre esses extremos. A dicotomia do mundo, os maniqueísmos da cultura, os dogmatismos, que já eram por mim repudiados, tornaram-se percepções abjetas, mas que também são minhas constituintes como a imagem holográfica de minha espécie e do cosmos que sou. Vislumbrei o infinito da existência e criei o ritual de transmutação desenvolvido em 10 passos, e 10 chaves. 10 dias de meditação e criação artística em que defini os valores que me guiariam a partir do meu renascimento. O décimo dia foi meu aniversário de 40 anos de idade nessa existência, e fechei o ritual gravando em único take a música ‘Ciberpajé’, minha declaração de ser renascido. O Ciberpajé não é um guru, ou criador de seita, a única cura que procuro é a minha cura. A busca dessa cura que consiste na completa aceitação do que sou, na conquista de minha integralidade. Sou um artista magista criador de mundos ficcionais que utiliza essas criações para a modificação de minha realidade. Sou o Ciberpajé.

No livro “Processos criativos de quadrinhos poético-filosóficos: A revista Artlectos e Pós-Humanos”, Franco e Fortuna (2015) afirmam que a concepção da denominação Ciberpajé envolveu a junção do prefixo “ciber” e o sufixo “pajé”, sendo que cada termo não foi escolhido de forma aleatória, uma vez que cada elemento tem uma simbologia essencial nessa nova persona. Sobre a figura do pajé, ela diz respeito à capacidade que um pajé tem em conectar-se diretamente com a natureza para modificar a realidade, misturando os mundos, o mundo de suas cosmogonias transcendentais ao mundo “real”, de modo que ao mixar esses mundos, recria sua realidade. O pajé, o mago ou o xamã é aquele que busca a cura, busca a harmonia, o equilíbrio interior, então o artista se espelhou nesse simbolismo. Edgar Franco é um criador de cosmogonias, mundos ficcionais e tem utilizado gradativamente esses mundos para modificar a sua realidade. Através da mixagem desses mundos fantásticos com o pretérito mundo real, ele diz reconstruir sua realidade, e procurar tornar-se um ser integral, e através do amor incondicional disseminar a capacidade que cada um tem de se autocurar. Nesse caso o *Ciberpajé* utiliza a conexão entre os mundos ficcionais e o mundo real para ampliar a sua empatia diante do outro, e também para perceber sua multiplicidade interior e ter a coragem de “ser”. Já o prefixo

ciber, da cibernética, foi agregado ao “pajé” porque ele denota a conexão e troca de informações entre seres vivos, mas também entre seres vivos e máquinas, além de incorporar as novas possibilidades tecnológicas como um campo amplo para os exercícios criativos de conexão entre mundos que o *Ciberpajé* promove. A transmutação performática de Edgar Franco em Ciberpajé envolveu ações em múltiplas mídias, sobretudo nas performances híbridas realizadas pelo *Posthuman Tantra*.

### **A ARTE DA PERFORMANCE COMO LINGUAGEM E TRANSGRESSÃO: POSTHUMAN TANTRA**

Antes de apresentar o histórico do Posthuman Tantra, é pertinente mencionar os primórdios da performance na vida do artista ainda na infância, quando se vestiu de pajé e entoava cânticos, encarnando e personificando as figuras de seus universos ficcionais, ainda incipientes, conforme Franco revela em entrevista a Elydio dos Santos Neto (2012, 98-99):

É importante resgatar também um episódio muito divertido de minha infância, que se relaciona com minha futura condição de performer, e que minha mãe gosta de contar para as pessoas. Quando eu tinha 11 anos de idade – e durante minha infância toda – parte da atividade de criar mundos que eu realizava cotidianamente e que já envolvia o desenho e as narrativas, também envolvia o desejo de me fantasiar, então eu comumente usava roupas velhas, trapos, partes de brinquedos para criar fantasias e vesti-las. Certa feita eu me fantasiei como um índio, usando penas de pombo e uma série de apetrechos. Eu gostava da figura do “feiticeiro da tribo”, que era um “mago” poderoso, e improvisei um chocalho e estava brincando no quintal. Totalmente absorto no meu mundo. Chegou em casa um parente, primo em segundo grau de meu pai, minha mãe não o via há anos. Ele se sentou na sala e ficaram conversando, minha mãe foi avisar que eu tinha que ir vê-lo, mas eu estava curtindo muito a brincadeira e não queria por nada ir até a sala. Essa sala tinha uma grande janela de madeira que dava para a lateral da casa, fácil de acessar pelo quintal, resolvi então não parar a brincadeira e ir até a janela em minha fantasia para cumprimentar o visitante como um pajé! Cheguei à janela e olhei para ele com gestos tribais e fiz um cumprimento monossilábico, algo como um “hoo heei”. E saí da janela e voltei a brincar. Bem o fato hilário da história que a tornou importante foi que o visitante, imediatamente após me ver, interrogou minha mãe: “- Coitado, ele tem problemas mentais, não é?” Minha mãe ficou indignada e respondeu-lhe que não, que eu era um dos melhores alunos da sala e etc. Depois que ele foi embora, eu fui repreendido por minha mãe irritadíssima, ela falou mais ou menos assim: “ – Edgar, você fica com essas bobagens e micagens suas aí e o nosso parente pensou que você tem problemas

mentais! Não faça isso mais!” Eu nem liguei, e me lembro de meu pai dar muitas gargalhadas com a história. Bem, quando minha mãe me viu “fantasiado” para as performances do Posthuman Tantra, imediatamente ela lembrou do episódio e conectou o Ciberpajé de hoje, àquele menino fantasiado. No fundo existe uma essência nos dois que é a mesma, e ao me fantasiar e realizar as performances eu resgato a capacidade de mergulhar também - com meus gestos e meu corpo inteiro - nos meus mundos criativos.

A partir dessa semente ainda na infância, o artista expandiu sua poética criando em múltiplas mídias, e dentre suas criações, o *Posthuman Tantra* é uma banda performática que envolve elementos das obras artísticas em quadrinhos e outras mídias de Edgar Franco baseadas na *Aurora Pós-humana*. A banda surgiu a partir da necessidade de contemplar todos os aspectos relativos à *Aurora Pós-humana*, que envolve música eletrônica (ambientação sonora), performance artística (dar vida aos quadrinhos), as projeções das artes em sigilos, mágica eletrônica e realidade aumentada (R.A.) para forjar o aspecto mágicko do universo.

Um dos atos das performances, a “*Ciberpajelança*”, por exemplo, une de maneira singular aspectos da cultura ancestral nativa das tribos brasileiras, sobretudo suas percepções transcendentais através da incorporação de totens míticos animais e vegetais nos rituais de cura e energização - as chamadas “pajelanças” - às novas perspectivas pós-humanas abertas pela criação e incorporação de mundos digitais, cosmogonias computacionais possibilitadas pelo amplo universo das imagens numéricas e da hipermídia. Segundo Glusberg (2009), ao explorar a função mediadora do corpo, as performances remetem às cerimônias primitivas e, em particular, à magia. O mago tribal usava seu corpo ritualmente com os objetivos mais diversos; a devoção da comunidade e o encantamento das ações do bruxo estavam a serviço não só de fins práticos; muitas dessas cerimônias tinham por meta tornar coerente o grupo e o estabelecimento de normas de comportamento. Os magos de hoje, através da herança que a arte resgatava das culturas ancestrais, oferecem espetáculos que se diferenciam dos demais por abrir possibilidades de se vislumbrar novos horizontes, que sempre se relacionaram com a criatividade e com a certeza de estarmos diante de um processo de câmbio e mutação, superador do estatismo das convenções sociais. De acordo com Glusberg (2009, p.103) “Não há outro qualificativo



para o performer senão o de mago semiótico: um operador de signos que se materializam no curso de um ritual que geralmente é imprevisto”.

As performances do Posthuman Tantra envolvem música eletrônica digital - tocada com sintetizadores e controladores *midi*; música analógica: percussões, instrumentos étnicos; figurinos exclusivos criadas em parceria com os integrantes do grupo de pesquisa *Cria\_Ciber*<sup>4</sup>, projeções multimídia: vídeo digital, efeitos computacionais de realidade aumentada e *face detecting* e elementos de mágica eletrônica. Um *ciberitual* que convida os espectadores a penetrarem em um mundo transumano de reconexão com a essência cósmica.

A figura do performer geralmente coincide com a do encenador, o trabalho de construção está integrado com as mídias utilizadas no espetáculo, que podem envolver dança, vídeo, esculturas, holografia, slide, retroprojeção, etc. Ao reunir no processo de criação tanto o componente racional e irracional na composição do espetáculo, o performer passa a atuar como uma espécie de “totem” carregador de signos (COHEN, 2002). Os efeitos computacionais em realidade aumentada criam “ambientes híbridos: que integram simultaneamente o real e o virtual” (LEÃO, 2004, p. 165), remontando os rituais de pajelança de alguns pajés que conectam o mundo dos espíritos ou dos totens animais ao mundo real. O *Ciberpajé* da performance mixa o mundo das realidades vegetais (acesso a cosmogonias míticas através do uso de enteógenos) com o das realidades híbridas (criação de cosmogonias digitais) gerando um novo corpus transcendente.

Dada a pertinência e inovação da arte de Franco, os pesquisadores ingleses Edward King e Joanna Page, PhDs das Universidades de Bristol e Cambridge, dedicaram um dos capítulos do livro intitulado "*Posthumanism and the Graphic Novel in Latin America*", publicado em 2017 (que analisa o fenômeno pós-humano em quadrinhos criados no Brasil, Argentina, Chile, Uruguai e México), analisando as obras de Franco. No capítulo "*Intermediality and Graphic Novel as a Performance*" os pesquisadores analisaram de forma aprofundada a concepção de pós-humanismo na poética e ideário de Edgar Franco, detalhando aspectos das paisagens visuais e sonoras de suas obras, e destacaram a ficção científica (FC) ciberxamânica de Franco como algo originalmente latino-americano,

---

<sup>4</sup> *Cria\_Ciber (Criação e Ciberarte)* é um grupo de pesquisa coordenado por Franco, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás que conta com integrantes desde o curso de graduação, a mestrado, doutorado e pós-doutorado.

fazendo um paralelo com o movimento da FC africana e estadunidense conhecido como Afrofuturismo. O livro abrange ainda uma análise de produções artísticas transmídia da "Aurora Pós-humana", dando especial destaque para o álbum em quadrinhos BioCyberDrama Saga e também para as criações em música eletrônica e as performances híbridas do Posthuman Tantra, tratando ainda sobre outras obras como as HQtrônicas e a revista Artlectos e Pós-humanos (Editora Marca de Fantasia).

O Posthuman Tantra surgiu em 2004 e já participou de dezenas de compilações em três continentes e lançou álbuns em parceria com a banda francesa *Melek-tha*, além dos CDs *Pissing Nanorobots* (Independente, 2004), *Neocortex Plug-in* (2007) e *Transhuman Reconnection Ecstasy* (2010), lançados pelo selo Suíço Legatus Records; o Split CD *Vortex of the Primal Cell* (2011), em parceria com a banda *Emme Ya* pela gravadora japonesa *Sabatthid Records*; o CD *Biotech Werewolves* (2013), pelo selo inglês *412 Recordings*, e o CD *Lúcifer Transgênico* (2015), lançado no Brasil pelo selo Terceiro Mundo Caos Records, com lançamento especial na Europa feito pela *412 Recordings* em 2016, sem contar quase uma dezena de EPs e singles e participações em coletâneas nos 5 continentes, somando mais de 30 horas de música gravadas. A importância e singularidade do Posthuman Tantra no contexto da cena dark ambient e experimental mundial levou a gravadora inglesa *412 recordings* a lançar um tributo à banda no ano de 2014, intitulado "Ten Years of Posthumanity", o álbum duplo reuniu 14 bandas do Brasil, Inglaterra, França e Colômbia criando suas versões para músicas do Posthuman Tantra em uma edição luxuosa em Dvd box e incluindo 5 cards comemorativos.

Como nos revela Franco, as performances do *Posthuman Tantra* já foram apresentadas em 4 regiões do Brasil em eventos acadêmicos como *9# ART / 10#ART/11#ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia* (Brasília, 2010, 2011, 2012), *10 Dimensões da Arte e Tecnologia* (João Pessoa, UFPB, 2010), *V, IV e VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual da UFG* (Goiânia, 2010, 2011, 2014), *II FAM - Festival Internacional de Arte e Mídia* (Anápolis, 2011), Erudito pelo não dito - UEG (Anápolis, 2012), Festival Tubo de Ensaios - UnB (Brasília, 2012), I Festival de Arte e Cultura Alternativa do Tijuco - UFU (Ituiutaba, 2012), I Festival de Quadrinhos da UEG (Anápolis, 2013), 8 Simpósio de Arte Contemporânea da UFSM (Santa Maria, 2013), I Congresso Internacional de Pesquisa Ensino e Extensão da UniEvangélica de Anápolis, I

Congresso de Filosofia da Cidade de Goiás & V Eu Penso (Goiás, 2014), III Fórum Nacional de Pesquisadores em Arte Sequencial - UFG (Goiânia, 2016), VII Jornada Científica da Faculdade Araguaia (Goiânia, 2017). Assim como em eventos importantes do circuito nacional da música independente como *II Woodgothic Festival* (São Thomé das Letras, 2010), *16º Goiânia Noise Festival* (Goiânia, 2010), *Rock Fest V* (Ituiutaba, 2011), Centro Cultural UFG (Goiânia, 2013), *Festival Capim Pub* (Goiânia, 2014), *Culturama* (Goiânia, 2015), *V Encontro das Artes Negras* (Goiânia, 2016), *Children of The Darkness II* (Anápolis, 2017).

## **METODOLOGIA**

O artigo aborda e analisa, a partir da metodologia qualitativa de observação participante e pesquisa exploratória (MINAYO, 2010), duas performances do Posthuman Tantra – banda criada pelo artista transmídia Edgar Franco - como expressão performática da Aurora Pós-Humana, tomando como fundamentação teórica Renato Cohen (2002) e Jorge Glusberg (2009) sobre a arte da performance e a performance como linguagem. As duas performances analisadas neste artigo, intituladas “*Sex Bot Mantra*”, foram: uma realizada na Unievangélica/Anápolis-GO, que foi censurada; e a outra, ocorrida na UFG, Goiânia-GO, cuja a autora do artigo experienciou. O artigo estabelece relações entre a ação performática do Ciberpajé com outros artistas e na atuação da IV Sacerdotisa como um dos desdobramentos de sua obra.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **“SEX BOT MANTRA” EM DOIS MOMENTOS: ESTÉTICO E MÍTICO**

De acordo com Cohen (2002) a fruição de uma obra pode ser vista a partir de dois modelos englobantes que se distinguem pela forma como emissor e receptor interagem: o modelo estético e o modelo mítico.

O modelo estético vem de uma corrente proveniente da institucionalização da cultura, do qual se atribui à tradição grega, berço da cultura ocidental. Nessa relação

estética, existe um distanciamento psicológico em relação à obra, tal qual no teatro grego aristotélico, onde há uma separação espacial que divide palco e plateia. Através dessa “convenção teatral”, não há uma ligação física, o espectador não entra na obra, não é parte dela, constitui-se em observador. Apesar de ter contato com a obra, se vê apartado dela, há uma distância crítica em relação ao objeto. Para o atuante (performer), fica evidente que está representando um personagem, que não é ele mesmo.

Já no modelo mítico, o distanciamento entre emissor e receptor não é demarcado, o receptor entra na obra, faz parte dela, de modo que o espectador se torna participante e não alguém que apenas assiste. E o performer, por sua vez, vivencia o papel, ou seja, não representa, ele atua quem ele é. Além disso, cabe destacar que o modelo mítico vem da mesma linha que o “teatro ritual”, uma corrente pouco conhecida, mas que é importante resgatar, pois utilizou os elementos do “mystery drama” em suas diversas happenings e performances. Praticantes da magia e esoterismo que atuaram nessa linha e que também são fontes de referência de Franco foram: Aleister Crowley, Gurdjieff e Rudolf Steiner.

É pertinente ressaltar que, segundo Cohen (2002), essas dimensões são teóricas e que na prática não existe uma relação completamente estética nem completamente mítica, e sim momentos que se alternam um e outro modelo. Contudo, o que importa na análise das duas performances do Posthuman Tantra em relação ao sujeito receptor, é destacar que na performance realizada na UniEvangélica” (Anápolis-GO), em que houve a censura, tal ato brusco denota a prevalência de uma participação “estética” do espectador, na qual não houve um envolvimento e identificação, provavelmente pela visão dogmática dos espectadores, cujo aspecto crítico e de separação sobrepujaram um possível envolvimento mítico.

Na análise da performance em que a autora deste artigo experienciou realizada na Universidade Federal de Goiás (Goiânia-GO), por sua vez, se configura uma participação “mítica”, que implicou em um mergulho e total envolvimento da espectadora e obra, de modo que até a percepção do tempo foi alterada (quando o tempo ficcional não corresponde ao tempo real, do relógio). Nesse modelo, o espectador envolvido com o som eletrônico, a iluminação, a ambientação, projeções, é induzido a um estado hipnótico, de relaxamento, mergulho catártico, o que diminui o juízo crítico e permite uma entrada no universo ficcional (COHEN, 2002).

## A CENSURA: A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

A performance censurada do Posthuman Tantra<sup>5</sup>, intitulada “*Sex Bot Mantra*”, aconteceu durante um evento internacional acadêmico, o “I Congresso Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão da UniEvangélica” – centro universitário da cidade de Anápolis, GO, em 2013. Ao final do quarto ato intitulado "Iniciação sexual com um robô multifuncional" a performance foi interrompida e os performers foram expulsos do local. Além da repercussão nas redes sociais, o ato de censura culminou em uma moção de repúdio redigida pela FAV/UFG à reitoria da UniEvangélica.



Imagem postada pelo Ciberpajé junto ao texto em que denunciou o ato de censura contra performance do Posthuman Tantra

Segundo texto publicado por Franco no dia 23 de outubro de 2013 em sua rede social Facebook, é possível compreender melhor a magnitude do evento:

POSTHUMAN TANTRA CENSURADO NA UNIEVANGÉLICA (ANÁPOLIS). Ontem tivemos nossa performance interrompida na quarta música (de 8 programadas) durante o Congresso Internacional de Pesquisa, Ensino e Extensão da UniEvangélica de Anápolis/GO. Ao final do quarto ato, intitulado "Iniciação sexual com um robô multifuncional", a organização do evento acendeu as luzes do auditório e numa atitude de

<sup>5</sup> Vídeo do momento em que a performance foi interrompida: <https://www.youtube.com/watch?v=pzQPzyfWSQk>

explícita censura bradou do fundo do auditório que a apresentação estava encerrada, causando enorme constrangimento em toda a equipe do Posthuman Tantra. O tempo da apresentação tinha sido combinado previamente com a organização e teríamos ainda mais de 25 minutos, o que daria para completar o set. Após a atitude inquisitória de censura explícita, tentei ponderar mas não fui ouvido e declarei então para todos os presentes que estávamos sendo censurados, tudo está registrado em vídeo. O Posthuman Tantra foi convidado pela organização do evento, que ao realizar o convite deveria saber do que se trata nossa performance artística - existem vídeos, fotos e detalhes sobre ela em nosso canal do Youtube, Myspace e Facebook. A apresentação foi programada com os mesmos atos que têm sido apresentados em 4 regiões brasileiras, em eventos nacionais e internacionais de pesquisa. Inclusive, no dia 20 de setembro de 2013, realizamos uma apresentação na UEG (Universidade Estadual de Goiás) em Anápolis com excelente recepção e resposta do público presente. Não bastasse o ato de censura e todo o constrangimento que passamos ainda ocorreu uma pressão para que deixássemos o palco o mais rápido possível. O Posthuman Tantra é uma ação artística que integra as investigações do grupo de pesquisa CRIA\_CIBER, cadastrado no CNPq e ligado ao Programa de Pós-graduação (mestrado e doutorado) da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, do qual sou professor permanente. Todos os integrantes presentes no palco são pesquisadores do grupo de pesquisa. Um episódio triste, que denota uma atitude discriminatória e arcaica de uma instituição universitária diante de uma apresentação de caráter artístico que se propõe a gerar reflexões e promover diálogos, uma universidade deve estar aberta à "diversidade", ao "universo de saberes possíveis". Em breve encaminharemos uma carta aberta ao reitor da UniEvangélica Anápolis. Esclarecemos que o Posthuman Tantra não se liga a nenhum dogma. Conto com o apoio de todos os artistas e amigos na divulgação dessa notícia importante para que outros artistas tomem conhecimento da atitude dessa instituição e não venham a sofrer o mesmo constrangimento. O Posthuman Tantra continuará sua saga ainda com mais entusiasmo e energia! (Edgar Franco é Ciberpajé, artista transmídia, pós-doutor em artes pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em Multimeios pela UNICAMP e professor permanente do Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da FAV/UEG)

Durante o Colóquio de Filosofia e Quadrinhos na UFRJ, que em sua 5ª edição tinha como tema uma discussão sobre a censura, em trabalho intitulado “A censura à “*Sex Bot Mantra*”: uma performance baseada nos quadrinhos do Ciberpajé Edgar Franco”, Franco e Fortuna (2015) propuseram uma problematização acerca da atitude discriminatória da instituição universitária, a qual, possivelmente motivada por dogmas religiosos, agiu de forma arbitrária e preconceituosa diante de uma apresentação de caráter artístico que se propunha a gerar reflexões e promover diálogos.

Em seu livro “Performance como linguagem”, o artista e pesquisador Renato Cohen analisa a “arte da performance” também conhecida como “performance art” estabelecendo suas relações com o teatro (meio onde atua) e outras artes. A origem da performance surge “dos primeiros ritos tribais, pelas celebrações dionísicas dos gregos e romanos, pelo histrionismo dos menestréis e por inúmeros outros gêneros, calcados na interpretação extrovertida, que vão desaguar no cabaret do século XIX e na modernidade” (p.41), mas a partir de 1910 começam a se desenvolver com cada vez mais plenitude até chegar à performance contemporânea.

Segundo Glusberg (2009), a performance é um questionamento do natural, e ao mesmo tempo uma proposta artística. Proposta que tem inerente em si a provocação de colocar em crise os dogmas, sobretudo os dogmas comportamentais, seja mediante sua simples manifestação ou através de ironias, referências sarcásticas, etc. Segundo o autor, as performances trazem elementos gestuais que remetem a um passado longínquo, no Oriente, berço dos rituais e das práticas corporais, onde “as marcas de diferenciação entre os direitos humanos são orientadas por distinções do tipo puro e impuro, sagrado e profano, intocável e acessível” (p.71). Nesse sentido, as performances se colocam como uma crítica de situações de vida, que envolve desde os tabus sociais, a projeção individual, a necessidade de rompimento com padrões tradicionais, dogmáticos, etc. Vale ressaltar que a imagem do corpo varia segundo as culturas, as gerações, as idades dos indivíduos, fatores que complexizam a experiência da performance diante dos públicos.

Assim, a performance acaba sendo uma fonte de numerosos fantasmas psicológicos que tocam a interioridade do sujeito e põem em crise sua estabilidade esta que se consolida a partir da repetição normatizada de convenções gestuais e comportamentais. De acordo com Glusberg (2009),

Nas performances (...) o drama real é aquele que se desenvolve frente ao receptor, e essa é a base de numerosos processos de transferência que causam a ruptura, nesse espaço, como a imagem prévia de si próprio que cada um possui. Trocas de identidade, posições imprevistas, programas camuflados de tipo gestual, forçosamente tem de atuar sobre a fantasmática do sujeito receptor, reorganizando ou distorcendo o repertório legalizado de suas imagens corporais. Esta ruptura se dá em vários sentidos e a performance funciona como operadora de transformações: desde os condicionamentos generalizados até a colocação destes em crise, e desde as imagens corporais cristalizadas até a sua quebra especular. Sintetizando o

exposto, diremos que desde o ponto de vista da emissão (tomando a performance como um fenômeno de arte-corpo-comunicação), o artista propõe esquemas e estruturas de comportamentos frente a um receptor que mantém expectativas relacionadas com sua própria imagem corporal, a qual entra em crise. (p.66)

Atos de censura e expulsão como o que foi vivenciado pelo Posthuman Tantra denotam que, a leitura que se faz de uma performance depende da visão de mundo, valores e predisposição ao novo que o espectador apresenta (ou não), e da relação que cada um tem com o próprio corpo, uma vez que as performances exploram a potência do corpo de forma criativa e poética. De acordo com Glusberg (2009), “a body art e as performances permitem repensar as relações que existem entre o conceito convencional de corpo tomado como algo natural e suas pulsões potenciais” (p.100), por outro lado, as “relações sociais pré-construídas, por assim dizer, as formas culturais, vão dando forma a um corpo “mudo”, permitindo novas oportunidades de experienciá-lo, o que significa violar antigas e acentuadas tradições estéticas”. Nessa perspectiva, as performances transgridem dentro de uma cultura em que o corpo, dentro das convenções vigentes, é alienado de si próprio.

Performance é uma arte de fronteira, por seu contínuo movimento de ruptura com a considerada “arte estabelecida”, aproximando arte e vida, na perspectiva da live art, que segundo Cohen (2002) pode ser delineada como:

A live art é um movimento de ruptura que visa dessacralizar a arte, tirando-a de sua função meramente estética, elitista. A ideia é de resgatar a característica ritual da arte, tirando-a de “espaços mortos”, como museus, galerias, teatros, e colocando-a numa posição “viva”, modificadora (p.38)

Ademais, uma das características da performance, é que, - ao contrário dos espetáculos tradicionais como o teatro e a dança, - o espectador da performance é alguém que não sabe o que vai ver e muitas vezes sequer está familiarizado com o tipo de manifestação que vai testemunhar. Como consequência, o espectador desprevenido acaba por entrar em crise interna frente a este fenômeno de transgressão. A performance sendo uma arte para iniciados, entendidos e *experts* traz em si o ônus e o bônus das expressões de vanguarda. A ruptura que causa poderá acarretar em desconcerto ou indiferença, temor e repulsa, isso se não houver uma mínima infraestrutura e abertura que suporte as novas propostas artísticas. Assim, a performance, tal como outros exemplos da arte



contemporânea, vai ser julgada e interpretada à luz do repertório cultural do receptor, que a depender de sua visão cultural, o que seria “transgressivo” pode ser visto como algo “aborrecedor” ou um total *nonsense* (GLUSBERG, 2009).

Se por um lado vivemos em uma sociedade que banaliza o erotismo e a pornografia em TV aberta, nas músicas executadas massivamente no rádio e festividades do *mainstream*, disseminada por toda cultura de massa, em se tratando de uma performance, em um evento científico e artístico, em uma universidade, torna-se pertinente discutir a arbitrariedade deste ato no contexto da academia. Sobre este aspecto, destaca-se o trecho da entrevista que Franco (2011, s.p.) concedeu ao Jornal Opção, onde enfatiza:

(...) as insinuações sexuais de nossa performance não são nem um pouco mais agressivas do que dançarinas praticamente nuas insinuando sexo anal em danças grotescas nas TVs aos domingos, no entanto a embalagem que envolve essas dançarinas é a da assepsia publicitária, então isso é aceito e louvado pelas mentes subjugadas pelo controle mágico das multinacionais. Nossa performance nega essa assepsia e recontextualiza a manipulação simbólica e conceitual desses elementos, no caso da insinuação sexual fazemos uma reflexão sobre o tecnofetichismo emergente. Também temos muito de doce e sutil em nossa narrativa multimidiática, se você abrir sua percepção sem preconceitos poderá perceber isso ao assistir nossa apresentação. Para concluir, é importante observar que a academia ainda é um espaço de dinossauros morais. Na minha modesta opinião, certos setores da academia são tão arcaicos, estéreis e autocentrados que simplesmente esqueceram que existe um mundo em ebulição à sua volta (FRANCO, 2011, s.p.).

O erotismo é fonte de inumeráveis performances sexuais e está fortemente inserido na cultura (GLUSBERG, 2009), entretanto Franco (2015) problematiza e ressalta que “a verdadeira sensualidade é a completa geração de energia através da conexão com o outro ser. O encontro dos opostos é um ato de grandiosidade cósmica e ele gera, a vida genuína nasce dele” (p.72). Nesse sentido, o artista enfatiza que é pertinente que não se confunda sensualidade com vulgaridade midiática, ou com venda deliberada do corpo por *status*, dinheiro e poder. Segundo Franco, “a verdadeira sensualidade é pura, ela não tem outras intenções que não seja a união, a conexão real e total com o outro, todas as outras formas de sensualidade são falsas, são ilusões do ego” (p.72).

Glusberg (2009, p.90) afirma que “se um sistema ‘careta’ de comportamento é transgredido através de um gesto, as representações estereotipadas ligadas ao mundo das convenções socialmente aprovadas vão estar sendo simultaneamente agredidas” e o autor

ainda aprofunda a reflexão ao ponderar que tais transgressões das atitudes convencionais coloca também em xeque os aparatos culturais, que, enquanto reguladores de rituais de conduta, se veem ameaçados de sua função reguladora. Dessa forma, as performances do Posthuman Tantra agregam um valor de denúncia ao enfrentar o instituído com o que há de mais simples, natural e óbvio. Diante das ações condicionantes da cultura, as performances ensejam, por seu caráter de ruptura de estereótipos, uma possibilidade de percurso de ação desalienante. Entretanto é essencial uma postura por parte do espectador, desprovida de preconceitos e aberta ao novo.

## **A FRUIÇÃO: A EXPERIÊNCIA MÍTICA**

No dia 5 de junho de 2014 aconteceu a performance “Sex Bot Mantra” durante o VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG) onde pude experienciar pela primeira vez o contato com o Posthuman Tantra. Em 30 de junho publiquei uma resenha com minhas impressões sobre a performance, que no contexto deste artigo, se faz pertinente inserir alguns trechos. A resenha foi escrita em primeira pessoa, por se tratar de um relato sob uma perspectiva muito pessoal, tal qual o é nas experiências de uma performance sob a ótica do receptor. As fotos utilizadas neste artigo não foram apenas as da performance assistida, foi necessário recorrer a outras fontes, uma vez que, conforme o próprio relato, em um dado momento da performance parei de fotografar afim de mergulhar na experiência sem me preocupar, nem desviar a atenção com o ato de fotográfico.

Segundo Cohen (2002), se a tentativa de descrição da arte em si já é um desafio, em se tratando de performance a dificuldade se amplia, uma vez que a performance tem uma condição de, usando um termo de Richard Schechner, “multiplex code” (tipo de emissão multimídia que envolve dramatização, som, vídeo, imagens, etc., que evoca no receptor mais do que uma decodificação racional, mas uma recepção cognitivo-sensória complexa), de modo que qualquer descrição de performance fica muito aquém da sensação de experienciá-la.

Título da resenha “Eu, pós Posthuman Tantra - Resenha do show por Danielle Barros (IV Sacerdotisa)”

Performance do Posthuman Tantra no “VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual FAV/UFG”, Goiânia, 5 de junho de 2014. Início aqui meu relato/resenha, com o desafio de descrever o que senti ao presenciar a performance do Posthuman Tantra. Eu pesquiso a obra do Ciberpajé desde 2012, ajudo a divulgar sua arte, inclusive as apresentações do Posthuman Tantra e a página da banda no Facebook. Essa aproximação com sua obra e ideário me valeu o título, outorgado por ele, de IV Sacerdotisa da “Aurora Pós-humana” – seu universo ficcional transmídia. O Ciberpajé é o nome de renascimento de Edgar Franco, artista transmídia, pós-doutor em arte e tecnociência pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela Unicamp e professor permanente do Programa de Doutorado em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG. Recentemente fui convidada a escrever uma matéria sobre os 10 anos da banda para uma revista online especializada em música alternativa e também realizar uma entrevista exclusiva com o Ciberpajé sobre a trajetória do Posthuman Tantra. Também fui ampla divulgadora do triste episódio da censura à performance da banda num evento internacional acadêmico na Unievangélica (Anápolis/GO), em 2013. Mesmo participando ativamente de tudo isso, por incrível que possa parecer, ainda não tinha assistido a nenhuma performance da banda, conhecia partes delas apenas por fotos e vídeos! Sim, e muitos se surpreenderam quando revelei durante o “VII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual”, na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG) de que aquela seria a primeira vez que finalmente eu teria a chance de ver ao vivo o Posthuman Tantra. A banda, em suas performances tem o grupo formado pelo Ciberpajé Edgar Franco (musicista e performer), I Sacerdotisa Rose Franco (musicista e performer), Luiz Fers (Performer e Figurinista) e Lucas Dal Berto (VJ). Antes de começar o relato propriamente dito é necessário descrever a atmosfera, o contexto que me trouxe até aquele instante. Já sai da Bahia sabendo: vou a um seminário acadêmico de pesquisa e lá verei pela primeira vez o Posthuman Tantra! Apesar de toda minha ansiedade me esforcei para não criar muita expectativa. O Ciberpajé me alertou que o espaço da apresentação não seria o “ideal” em termos de acomodação, iluminação e som, mas “e daí?”, eu pensei, ainda que fosse uma apresentação só pra mim e na circunstância que fosse, já seria excelente. E assim eu fui, embarquei de coração aberto para a mensagem que o Posthuman Tantra traria pra mim.

Ideologicamente, a arte da performance incorpora as ideias de Não-Arte e da chamada Arte de Contestação. As performances do Fluxus buscavam reforçar a ideia, proposta por Marcel Duchamp, de que qualquer ato é um ato artístico, desde que seja contextualizado como tal. Imbuída de uma ironia e um suposto “despreparo” das performances, existe uma crítica à arte instituída (e inútil, para estes), arte essa da qual se apossaram uma série de “profissionais”, com finalidades pouco altruístas. Para contestar toda essa cultura e, implicitamente, toda uma arte de concessão, compactuadora, artistas

como Joseph Beuys atuaram de forma contestadora, levando às últimas consequências sua metáfora artística. Ademais, de maneira geral as performances são apresentadas em locais alternativos, e por ser uma arte de vanguarda acaba sendo vista por um público específico (COHEN, 2002). Por isso é comum que as performances acabem acontecendo em espaços alternativos, não “adequados”, e com pouca infra estrutura, uma vez que, submeter-se e ser aceito em locais institucionalizados pode significar macular a essência e o ideário que permeiam a performance e o artista.

“O grande dia: Já fui trajada sob a influência do Posthuman Tantra, corpete, roupa preta, maquiagem, acessórios, tudo no clima, na roupa e no espírito. Chegando à UFG, no dia da apresentação, cartazes pelos corredores ouvi burburinhos como: “- o professor Edgar e seus orientandos já estão lá arrumando tudo, eu bem que queria participar dessa banda”. No banheiro ouvi duas mulheres dançando em frente ao espelho e cantando: “- Hoje vamos ver Sexy Tantra, Sexy Tantra!! uhuhu”. A esta altura é difícil conter certa expectativa. Na realidade, o que deu para perceber, é que o Ciberpajé é uma “lenda viva” no campus, e ainda que seja tomado como uma figura estranha, controversa e divertida; dentre os comentários que ouvi de passagem, percebi que as pessoas tem curiosidade e admiração, um brilho nos olhos ao falar sobre sua arte! E se há quem não curta o trabalho dele, pelo menos aos meus ouvidos de etnógrafa-amadora não chegou...”

Segundo Glusberg (2009 p.98) “a situação de expectativa frente a uma performance supõe já um vínculo fortemente consolidada entre emissor e receptor”.

Apresentei meu trabalho no evento e só restava-me aguardar chegar a noite e ver a tão esperada apresentação! Enquanto assistia outras intervenções artísticas, de repente cruzei com um Ciberpajé de mais de 2 metros de altura no corredor!!! Ele usava uma bota imensa, parte de seu figurino produzido pelo figurinista da banda Luiz Fers. Mesmo já tendo visto fotos, ali fiquei chocada ao ver de perto a indumentária! A apresentação estava marcada para 19h, e para instigar e convidar o público, o Ciberpajé passeou com essas botas pelos corredores da Faculdade de Artes Visuais convocando as pessoas, era o que faltava para começar. Algumas pessoas pareciam excitadas e assustadas.

Esta passagem remete a um relato feito por Cohen (2002) de uma performance denominada “Videoteatro” de Otávio Donasci realizada na Galeria de Arte de São Paulo em 1982, em que, no início da performance, aparece uma “criatura” com quase 2 metros de altura totalmente vestida de preto, um ser que parece algo inumano, com um aparato na cabeça que parecia uma TV. Segundo Cohen, que presenciou a performance, “a primeira

impressão causada com a aparição da “criatura” é de um misto de curiosidade e medo (talvez pelo seu tamanho)” por parte do público (COHEN, 2002, p. 77).



(Ciberpajé antes da performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2014 – Foto José Loures)

De forma similar, o Ciberpajé ao caminhar entre as pessoas antes da performance pelos corredores da Faculdade de Artes Visuais convocando-as para a performance, usando a bota que lhe conferiu uma altura de dois metros, esboçou diversas reações, entre excitação e receio, como nas reações descritas na performance de Donasci.

Chegou a hora e seguimos para a sala. As pessoas foram chegando aos montes e iam se acomodando no chão, a sala ficou lotada. Entre amigos, conhecidos e estranhos fomos nos acomodando, trocando olhares cúmplices entre pessoas que guardavam a mesma expectativa. Com a iluminação sombria e a indumentária dos integrantes meus sentidos já estavam aguçados. A banda ao vivo, nessa apresentação, foi composta pelo Ciberpajé (direção, criação, música, vídeos e performance), I Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Rose Franco (musicista e performer), Luiz Fers (figurinista e performer), Lucas Dal Berto (VJ) e Amanda Caroline Darc’Kness (performer). O Ciberpajé inicia então a apresentação, e após o primeiro ato, abre cada um dos outros atos falando um pouco do conceito estético-filosófico proposto. Comentarei algumas impressões sobre cada ato dessa performance específica do Posthuman Tantra, intitulada “Sex Bot Mantra”.



(Imagem do público na performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2014 – Foto José Loures)

Na resenha original, não havia colocado as letras das músicas, mas para o artigo foi pertinente inseri-las. A seguir, as imagens, a descrição e as sensações de cada ato da performance, na minha perspectiva:



(Ciberpajé durante o Ato I - Biotech Antenna- performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2014 – Foto José Loures)

Ato I - Biotech Antenna (Antena Biotecnológica)

“This is my biotech antenna

This is my biotech antenna to connect morfic resonances from the Mu continent”

O ato abre com um som estridente, como que convidando ao despertar, um som que me incomodou, um ruído aos meus ouvidos mal acostumados e adestrados a ouvir “mais do mesmo”. Neste ato senti-me como que atravessando a dimensão ordinária para mergulhar no mundo da Aurora Pós-Humana, e, através da arte fabulosa projetada na tela, e da transmutação transumana de Franco com uma indumentária e máscara assustadoras, eu mergulhei na cosmogonia cósmica do Ciberpajé, com cores, seres, sons, cheiros, sensações sinestésicas peculiares. A partir dali eu já estava fisgada e temerosa ao saltar neste abismo, mas já não tinha mais retorno...

Segundo Glusberg (2009), a performance envolve comunicação, “uma comunicação corporal, sensível, que toca as fibras íntimas da personalidade e que se aproxima bastante dos rituais iniciáticos do Oriente” (p.117). A performance detém uma função mágica ou encantatória que se enraíza na invocação dos nomes sagrados. Em certas tribos primitivas, por exemplo, as mensagens eram externadas através do corpo, ao invés de palavras. Dessa forma, os movimentos e expressões, mesmo quando “sem sentido”, dignificam mais do que mil frases, diz o autor.



(Ciberpajé durante o Ato II – Ciberpajelança, performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG em 2010 - Foto Luciana Hidemi)

Ato II – Ciberpajelança

Durante a apresentação do Posthuman Tantra é possível sentir os toques tribais, os passos assustadores, fortes, o som do chocalho, a voz grave do Ciberpajé e o entoar de mantras imemoriais conduz o telespectador para a floresta, em um ritual de cura xamânica, cura de corpo e espírito. Essa atmosfera faz lembrar em quem assiste à performance essa estranha familiaridade de já ter vivenciado esse ritual animalesco, que de alguma forma compõe o inconsciente coletivo da humanidade, segundo Jung (1964). Os efeitos de realidade aumentada dentre outros recursos de mágica eletrônica, tornam o Ciberpajé uma de suas criaturas pós-humanas. Os limites dissolvem-se, e todas as realidades se encontram em um mesmo ritual sagrado. Os efeitos sonoros, muitos deles baseados na frequência dos batimentos cardíacos tornam a fruição da performance uma experiência estética muito intensa e sinestésica. Os acordes utilizados nas canções do Posthuman Tantra simulam ambientações em outras eras, longínquas, que pode estar em uma terra devastada, em uma floresta frondosa, ou vazio cósmico de um céu estrelado, mas que ao mesmo tempo nos torna presentes no único lugar que existe, o AGORA. Mais uma vez, como no primeiro ato, os urros do Ciberpajé estavam despertando algo em mim, me conduzindo por essas dimensões de realidades cosmogônica e validada. Eu estava em transe na Ciberpajelança!

Cohen (2002) destaca que a “repetição” como um elemento constitutivo é uma das características mais marcantes na performance. O uso da repetição evoca um “efeito zen” à medida que a fala repetida de forma contínua vai criando um som de mantra, que hipnotiza e conduz a outros estados de consciência, o chamado estado alfa. O Posthuman Tantra utiliza a repetição de mantras como recurso frequente em suas performances, conforme pode ser verificado em outros atos.





(Ciberpajé durante o Ato III - Transhuman Werewof's Mutation, Performance no festival "Children of the Darkness II" em Anápolis-GO, 2017 - Foto José Loures)

## Ato III - Transhuman Werewolf`s Mutation (A Mutação do Lobisomem Transhumano)

Into the fog of the posthuman night  
Into the heart of delights  
Into the sign of the dark  
I'm a werewolf  
I'm a transhuman werewolf  
(repete 6 vezes)

Neste ato, Franco transmuta-se em lobo/lobisomem pós-humano, seu totem xamânico, utilizando efeito computacional de realidade aumentada. Transforma-se diante do público em uma criatura p s-humana no qual o efeito é aplicado no rosto do artista e é visto no telão enquanto canta a faixa *Transhuman Werewolves' Mutation*.

O som me transporta para uma era longínqua, numa terra devastada ou em uma floresta frondosa, n  sei. Talvez num vazio cósmico de um céu estrelado... os acordes da canção vagueiam por meus silêncios, meus medos, memórias, implode tudo e traz à tona aquele momento presente. Eu ali, desta vez teletransportada para o único lugar que existe, o AGORA. A representação do animal selvagem, a música aumentando o ritmo, assim o Lobo surge na tela, está consumada a transmuta o, agora estamos dividindo espaço com lobos p s-humanos. E a animalidade de cada um   convocada a vir à tona! Sem me dar conta, nesse momento eu já não fotografava mais, guardei a máquina para experienciar aqueles momentos. Compreendi que qualquer tentativa de apreender aqueles momentos seria in cu, pois não era possível captar uma experiência sinestésica e fulminante como me tornar Posthuman Tantra, integrar-me ao ato naquele

momento! Gostaria de destacar que o show tem uma energia que segue um crescendo contínuo, as entonações parecem que penetravam minha alma, parecem me “desintonizar” da frequência em que estava, conectando-me a uma dimensão distinta. Por diversas vezes pude perceber meus batimentos cardíacos se acelerarem, e a cada ato, vivia a sensação recorrente de estar sendo surpreendida. A atmosfera das músicas e os arranjos, algo diferente de tudo que já ouvi. Em alguns momentos me lembrei da estética sombria e do suspense da série “The Twilight Zone”.

Segundo Franco em entrevista para Barros (2015), conceitual e simbolicamente, “o Lobo” representa o desejo compulsivo pela vida e possui dois aspectos: o sombrio e o luminoso, “se o Lobo é equilibrado ele usa os seus desejos para seu crescimento consciente, não os nega, mas não é escravo deles”. Conceitualmente elucida: “O Lobo é o totem xamânico do *Ciberpajé*, aquele que veio a mim muito antes e durante minha transmutação. O Lobo aparece em vários mitos e comumente ele representa o desejo insaciável, o anseio incontrolável, como no mito de Fenris” (p.94). O artista ressalta a importância do equilíbrio e serenidade para vivenciar as experiências da vida, e assim evitar que se remonte a sanha desenfreada dos homens ocidentais, que no afã de satisfazer ensandecidamente seus prazeres sensoriais, se reduziram quase completamente a variações de atos de consumo. Nesse sentido, mais do que uma mera performance, o artista traz uma série de conceitos que fundamentam suas obras, instigando a reflexão do público.

Ainda sobre a transformação em lobo, Cohen (2002) afirma que na performance há uma ambiguidade entre a figura do artista performer e de uma representação de personalidade. Dessa forma,

O performer enquanto atua, se polariza entre os papéis de ator e a “máscara” da personagem”. A questão é que o papel do ator também é uma máscara. E é importante clarificar-se essa noção; quando um performer está em cena, ele está compondo algo, ele está trabalhando sobre sua “máscara ritual” que é diferente de sua pessoa do dia-a-dia. Nesse sentido, não é lícito falar que o performer é aquele que “faz a si mesmo” em detrimento de representar a personagem. (...) este “fazer a si mesmo” poderia ser melhor conceituado por representar algo (a nível de simbolizar) em cima de si mesmo (p.58).

Um processo de atuação que, segundo o autor, se assemelha ao dos índios que se “pintam” para ir à guerra ou na execução de cerimônias religiosas (conforme a foto seguinte em que o *Ciberpajé* está com o rosto pintado durante a preparação da

performance). O autor ainda cita o uso da máscara como um ato metafórico citando a “máscara de lobo” (p.126), sincronicamente, utilizada nas performances de Franco como concretização mítica e ritualística do seu totem animal. Na performance, em geral se trabalha com persona e não com personagens, a persona refere-se a algo mais universal e arquetípico ao passo que o personagem é mais referencial (COHEN, 2002). Portanto, durante a performance, ao se tornar a persona do lobo, o Ciberpajé adentra o inconsciente e medita como uma experiência transcendente mística.



Ciberpajé e o figurinista do Posthuman Tantra, Luiz Fers

Em relação à sensação de estar “no agora”, durante a performance há uma acentuação muito grande do instante presente, o “aqui e agora”, o que acaba criando uma característica de “rito”. Nessa perspectiva, o público não se constitui apenas em espectador e sim uma espécie de comunhão com a performance. A relação entre espectador e performer desloca de uma relação estética para uma relação mítica, ritualística, onde prevalece um menor distanciamento psicológico entre espectador e performer. Ademais, a característica de “evento” da performance (muitas vezes as apresentações são únicas e não se repetem, ou quando se repetem, mesmo assim não são iguais) acentua a condição de cumplicidade, como se quem está ali presente está testemunhando algo que aconteceu, algo que poucos puderam presenciar (COHEN, 2002).

Sobre a energia da performance, o performer ao lidar de forma intensa com o “aqui e agora” e ter o contato direto com o público faz com que o trabalho com energia ganhe grande significação, ou seja, a capacidade de mobilização da plateia que vai estabelecer um fluxo de contato com o artista, um fluxo energético (COHEN, 2002). Por isso, segundo

Franco, toda a performance do Posthuman Tantra realizada lhe deixa fortemente energizado por dias.



(Ciberpajé durante o Ato IV - Os Mistérios Insondáveis, performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2014 – Foto José Loures)

Ato IV – Os Mistérios Insondáveis (Das Falsas Coincidências).

Ao mesmo tempo  
mil borboletas azuis pousaram  
sobre a testa de mil garotas virgens  
nos mais distantes pontos da Terra  
E ninguém percebeu.  
Os mistérios insondáveis  
das falsas coincidências.  
(Repete 4 vezes)

Nessa música fiquei pensando nas sincronicidades da vida, em como fui parar ali, naquele momento. Fiquei lembrando como conheci o Ciberpajé e seu ideário, e os rumos da minha vida nos últimos anos. Pensei na magia de cada escolha e suas consequências, de como cada acontecimento - por mais “trivial” que possa parecer - é capaz de redirecionar nossos caminhos. Em como uma oportunidade simples, um telefone, um ônibus, ou o atravessar de uma rua pode mudar nosso curso a todo instante, criando novas possibilidades, proporcionando novas pessoas a conhecer, distintas vidas a viver. Vislumbrei o quanto somos complexos, múltiplos, e percebi a inexistência de um tempo “linear”. E por fim pensei em como essas “coincidências”. que parecem “ao acaso”, são tão perfeitas.

A busca do desenvolvimento pessoal é um dos princípios da arte da performance e da live art onde arte e vida são uma mesma coisa. A dimensão mágica e poética da

performance se manifesta através de desdobramentos que conotam a essência milenar e secreta desta arte. As repetições e os aspectos intimistas nessas apresentações favorecem uma espécie de imersão e nirvana (GLUSBERG, 2009). A relação mítica entre espectador e performance amplifica essa sensação de adentramento em uma nova dimensão e na reflexão de si mesmo diante da vida.



(Ciberpajé durante o Ato V - Sexual initiation with a Multifunctional Robot, performance do Posthuman Tantra na FAV/UFG, 2014 – Foto José Loures)

Ato V - The Little Bob`s New Toy: Sexual initiation with a Multifunctional Robot (O Novo Brinquedinho de Bob: Iniciação sexual com um robô multifuncional).

Sex with robot/ sex with robot  
(repete 11 vezes)

New toy opened at night

Bob's latest toy

The end of his adolescence

Bob's wishes realized by a bot

Sex with robot

Sex with robot

Fuck me

Fuck me (voz robótica)

O uso da voz robótica foi reportado por Cohen (2002) como uma característica das performances que utilizam recursos multimídia, constitutiva da linguagem “collage” que é uma sobreposição de fragmentos que compõe a cena. Essa voz robótica pode remeter à voz eletrônica do sistema (a quem se contesta), a voz orweliana de 1984, que veicula estatutos e rostos padronizados a qual o discurso radical da performance ironiza e combate.

No ato V da performance o *Ciberpajé* protagoniza um momento tecnoerótico durante a faixa "*Sexual Initiation with a Multifunctional Robot*".

Esta foi uma das faixas que mais me surpreendeu, e não foi à toa, a censura ao Posthuman Tantra aconteceu durante esse ato! Vou explicar melhor. Quem me conhece sabe que sou uma pessoa tranquila, não tenho tantos tabus e não sou "pudica", longe disso, mas confesso que diante da apresentação deste ato fiquei chocada! É uma performance muito sensual, excitante e vibrante. O Ciberpajé deixa sua virilidade aflorar sem amarras, não é por acaso que o ato em que se transmuda em Lobo pós-humano se dá antes desta faixa, aqui ele já é o LOBO SELVAGEM, e é mesmo! Vale destacar que a selvageria que Franco traz não é a difundida pela mídia, uma selvageria como "crueldade" e sim uma selvageria animal, que, como ele diz, pode ser violenta, mas nunca cruel. Nesta faixa vemos uma amostra de sua selvageria sexual, ele simula a penetração, ele grita, ele urra, ele "penetra", ele rompe, é uma catarse artística sexual! Mas como eu disse, num primeiro momento eu me impressionei, e esse estranhamento foi paradoxal. Por um lado achei "incômodo" ver o Ciberpajé fazendo aquelas insinuações sexuais - que de certa forma, a meu ver, abriram sua intimidade - como se estivesse masturbando-se em público -, de modo que a música que nem era tão longa, pareceu-me uma eternidade, e à medida que ele ia intensificando o ato sexual com o microfone servindo de falo, eu pensava "Gente, quanto tempo ele ficará fazendo isso?" Mas, por outro lado, meu espírito vislumbrava aquele contexto, uma coisa LOUCA e insólita, e eu refletia: "Quando eu imaginaria, que em uma Universidade Federal, local emblemático do ensino engessado em seus dogmas erigidos com repetições de teorias inócuas estrangeiras, um lugar de egos insuflados, quando eu sonharia em ver aquele ato de iconoclastia selvagem? Realizado por alguém que, mais do que falar, VIVE aquilo que escreve em seus aforismos e cria em sua arte, quando eu imaginaria presenciar uma apresentação iconoclasta dessa em uma universidade?" Então, o que no começo foi um choque - por mais que eu já conhecesse o ato por vídeos e fotos-, algo que me fez rir por estar bastante surpreendida... Naquele instante se converteu em pura admiração e uma das maiores lições que tive na vida, a lição de que devemos ter CORAGEM DE SER QUEM SOMOS. O Ciberpajé, que é um professor doutor, alguém que como ele diz "pediu todas as bênçãos acadêmicas que a universidade exige para ser alguém", agora se dá a própria bênção e o direito de ser quem ele é. Sem se preocupar com um "nome a zelar" e nem com o que pensarão dele e sim ser quem é sem estar prejudicando ninguém, ser sua arte! E devo acrescentar minha admiração por sua esposa, Rose Franco, ao estar ao lado dele no Posthuman Tantra há tantos anos e em tantas situações, como no dia do ato de censura. Ela é também admirável pela coragem de seguir e ser Posthuman Tantra. Dei-me conta ali que é muito mais fácil ser o que os outros querem, mas ser quem se é, é complexo, dolorido e difícil, porém é o único caminho verdadeiro e de valor inestimável.

Essa sensação de estar "no presente" promovida pelo clima da performance se dá também pelos efeitos e elementos que a constituem. As ações de mágica eletrônica,

gestualizações erotizadas, projeções das ilustrações e outras habilidades feitas pelo Ciberpajé constituem-se numa das características da performance art que, de acordo com Cohen (2002), é a de apresentar as habilidades pessoais do artista, o que se destaca, sua marca pessoal, sejam elas físicas, intelectuais, poéticas, o que gera a criação de um “vocabulário” ou “linguagem própria”.

Nas performances, a atuação do performer implica em atos que, para muitos, podem parecer “sem sentido”, no entanto, são atos simbólicos e com um objetivo sagrado: “os atos mágicos”. Glusberg (2009) destaca que a ação do mago parece ser algo sem significado para os profanos, e que o mago está consciente dessa percepção do outro sobre seus atos, porém nesses movimentos reside uma nova semiótica do gesto baseada em ritos e iniciações, movimentos aparentemente sem sentido, danças sagradas que se incorporam ao contexto da performance, e tal simbolismo oculto é elemento constitutivo da magia.

O termo “transgressão” é usado no sentido de algo não significativo se comparado com o que é socialmente significante e, conseqüentemente, com o que opera certos efeitos sobre os demais. Comportamentos privados (urinar-se, masturbar-se, etc) têm também sido examinados e são parte do arsenal do performer. No entanto, tem-se negligenciado aquilo que é mais relevante e significativo: uma semiótica dos atos mágicos. (...) as ações mágicas e rituais – como o corpo dos performers - vão incorporar, simultaneamente, diversos desses tipos de comportamento. Essa multiplicidade é o que torna o ritual um ato não significante e rico de simbolismo. (GLUSBERG, 2009, p.113)

Portanto, o ato de masturbar-se ou simular uma penetração sexual pode parecer um ato inadequado, obscuro e sem sentido para muitos, no entanto, no contexto da performance, enquanto um ato mágico e transgressivo há todo um simbolismo oculto e essencial sendo apresentado. Glusberg (2009) afirma ainda: “o delírio e a performance são fenômenos estreitamente relacionados. A arte não tem nenhuma relação com o “bom senso” ou com o “senso comum”; para dizer com todas as letras: a arte não tem nenhuma relação com o sentido” (p.124). Ademais, em relação aos gestos erotizados em cena, a performance acaba sendo uma fonte de projeção psicológica que toca a interioridade do espectador e põe em crise sua estabilidade e crenças cristalizadas. Nesse ato tive a sensação de que o tempo “não passava”, depois soube que todos os atos têm quase a mesma duração,

porém a sensação com este foi que demorou mais tempo do que os demais, dado o incômodo que ele causou.



(Ciberpajé durante o Ato VI - Tênuê Esfera azul, performance do Posthuman Tantra no Culturama-GO, 2015 – Foto José Loures)

Ato VI - Tênuê Esfera Azul  
Companheiros de jornada  
através do vácuo  
sobre essa charmosa esfera azul.  
Estamos ligados pelo nosso tempo,  
Nossa ínfima e saborosa existência podemos compartilhar,  
sob o véu inexorável da vida (morte no repeat), esse mistério absoluto que em vão tentamos explicar.  
Vamos brincar e amar!  
Muito em breve o Sol se apagará,  
e seremos simples quimeras,  
no livro eterno das horas!  
(Repete 4 vezes)

Nesse ato eu me emocionei muito. Foi uma “hecatombe” interna devastadora, me senti no etéreo espacial. O Ciberpajé, em contraste com o ato anterior, chega com a doçura suave de uma rosa em mãos, anunciando a efemeridade da vida nessa tênuê esfera azul. Nessa hora eu percebi o quanto fui tacanha ao reprimir inicialmente meu ímpeto animal, ao negar a primeira parte do ato performático anterior e pude vislumbrar o quanto sou/somos muito mais do que este corpo terrestre, somos irmãos dividindo essa mesma jornada: VIDA. Pude compreender nossa eternidade e finitude. Senti-me pequenina e grandiosa. Lembrei-me que foi este ato que o Ciberpajé dedicou ao saudoso amigo Elydio dos Santos Neto, durante o show do lançamento do álbum em quadrinhos Biocyberdrama Saga no Centro Cultural UFG em 2013, performance e lançamento que eu ajudei a divulgar. E lembrei-me o quanto devemos simplesmente VIVER e AMAR! E



como o Ciberpajé fez muito bem durante todos os atos, ele contrasta doçura e selvageria ao longo das canções, com urros e entonações leves, como quem nos desperta do nosso estado de inércia, mas ao mesmo tempo exalta a serenidade necessária para viver o agora. Como a letra desse ato diz, estamos ligados pelo mesmo tempo, mesma época de vivência na Terra. Lembro-me o quanto me sinto honrada de dividir essa época com pessoas tão especiais e de estar ali naquela performance. Aquele toque da música, como se fosse uma música que minha alma (re) conhecia, causou-me incômodo, parecia que eu não tinha corpo, que existia um “vazio”. Não chegava a ser uma sensação de “morte”, mas diria “um ser sem corpo”, como se eu me percebesse muito além disso tudo. Viajei pelo espaço, na viagem das imagens das artes projetadas no vídeo com o qual o Ciberpajé interagia... Parecia como se eu tivesse sentido, através daquela música e imagens, uma ínfima consciência da minha grandeza espiritual e de que tudo (material) se acabará, e isso me deu certo temor.

A sensação de estar em um futuro devastado traz à tona as questões das consequências dos rumos em que nossa ciência e tecnologia podem trazer à humanidade e ao planeta. Ao mesmo tempo, sentir que estamos em um universo cósmico, proporciona a reflexão de pensarmos nossa condição de viajantes cósmicos, de seres infinitos, que vivem uma experiência terrena. Pensarmos que somos um grande organismo, Gaia, e que formamos uma unicidade entre todos os seres, do qual devemos ter zelo, cooperação e amorosidade (FORTUNA, 2014). A relação mítica vivenciada neste ato foi similar à relatada em relação ao ato IV.



(Ciberpajé e a I Sacerdotisa durante o Ato VII - Penetrate the Virgin Bioport, Performance no festival "Children of the Darkness II" em Anápolis-GO, 2017 - Foto José Loures)

Ato VII - Penetrating The Virgin Bioport (Penetrando a Bioporta Virgem).  
Instrumental

Na performance "*Penetrating The Virgin Bioport*" o *Ciberpajé* posiciona-se atrás da performer I Sacerdotisa Rose Franco, simulando uma copulação através da “nova bioporta” – um orifício biotecnológico aberto na base da coluna vertebral para conectar dispositivos biotecnológicos – referência ao filme *eXistenZ* (1999), do cineasta canadense David Cronenberg. Essa encenação traz a dimensão conceitual da *Aurora Pós-humana*, onde as criaturas animais, vegetais e híbridas copulam entre si e procriam através de novos orifícios e possibilidades inimagináveis. A cópula também remete a um outro conceito amplamente difundido na obra do artista, o mito da (pro) criação. O perpetuar-se, o sêmen, o óvulo fecundado - natural ou artificialmente - é cena recorrente nas obras de Edgar Franco.

Nessa me senti transportada pros quadrinhos de Edgar Franco! Vi-me na “Aurora Pós-humana”, como se estivesse presenciando as criaturas em sua cópula, em suas relações cotidianas e formas de lidar umas com as outras em seu universo ficcional. Presenciei um bate-estaca pós-humano, também sensual, e bem “didático”. O *Ciberpajé* penetrando a bioporta e um fluido de conexão luminoso que flui de uma criatura a outra. Devo confessar que precisarei ver o show muitas vezes para apreender a profusão de elementos que desenrolam-se simultaneamente: A performance de cada membro do grupo; fruir as obras projetadas; atentar para as mágicas eletrônicas utilizadas no show, bem como outros recursos; além de ter a liberdade de simplesmente divagar mergulhando no conceito filosófico que a banda traz que, misturados em nosso repertório de vida, nos causa um impacto estranho e profundo.



(Ciberpajé durante o Ato VIII - O Selvagem, performance do Posthuman Tantra no Culturama –GO, 2015 - Foto José Loures)

Ato VIII - O Selvagem.  
Quero ser leve como uma borboleta.  
Selvagem como um Lobo

Esta é um mantra “ser leve, selvagem e brincalhão”, como os animais que estão sempre vivos e focados no agora. Cada faixa é uma lição de sabedoria. Essa para mim foi um das mais fortes, e ao recitar a letra, o Ciberpajé brinca com a intensidade, com a leveza e os gritos, como os acordes de uma vida, repleta de altos e baixos, êxtases e abismos.

As performances do Posthuman Tantra e a aparência do Ciberpajé em muitos provoca um impacto de estranhamento que incomoda, como se retirasse o sujeito de seu estado uterino, do hábito ordinário cotidiano fomentado pela ideia de que todos devem seguir regras, muitas vezes acatadas acriticamente pela maioria que seguem os ditames da “moral” de uma sociedade hipócrita (FORTUNA, 2014). Essa maneira de impactar de forma iconoclasta me fez lembrar as palavras do artista multimídia Jodorowsky, em seu livro “A Dança da Realidade”:

Todo ato extraordinário é capaz de demolir os muros da razão. Ele quebra nossa escala de valores e faz com que o espectador tenha a experiência de julgar por si mesmo. Age assim como um espelho onde cada um pode ver seus próprios limites. A manifestação desses limites pode provocar o despertar da consciência. (2009, 126 p.)

Em boa parte da performance, a representação do animal selvagem é recorrente, o que sugere que a animalidade de cada um é convocada a vir à tona. Animalidade e selvageria evocada pela letra-mantra de O Selvagem: “ser leve, selvagem e brincalhão”, tais quais os animais que estão sempre vivos e focados no agora. Vale destacar que a selvageria que Franco traz não é a difundida pela mídia, uma selvageria como “crueldade” e sim uma selvageria animal, que, como ele diz, pode ser violenta, mas nunca cruel. Ao recitar a letra, o Ciberpajé varia a intensidade, com a leveza e os gritos, como os acordes de uma vida, repleta de altos e baixos, êxtases e abismos. As projeções da arte de Edgar Franco trazem sua dimensão sinuosa, sensual e lembram aspectos da arte visionária ou psicodélica. A mensagem filosófica instigada a partir das reflexões em torno dos desdobramentos da Aurora Pós-Humana possibilita fomentar discussões sobre como forjamos nosso futuro a partir de ações conscientes no presente, bem como as questões éticas e a formação do ser (FORTUNA, 2014).

Segundo Glusberg (2009), como um código secreto, a performance contém rituais invisíveis atrás dos rituais visíveis. O performer retém seu quantum de mensagens

esotéricas, que representa uma espécie de privacidade correspondendo à comunicação e, fundamentalmente, ao caráter mágico da experiência. Portanto, “não é casual, conseqüentemente, que o performer algumas vezes rejeite a plateia e resguarde-se no seu mundo interior” (GLUSBERG, 2009, p.118).



(Ciberpajé e a performer Flávia Provesi no Ato IX -Tema o Homem, Ame o Lobo, Performance no festival "Children of the Darkness II" em Anápolis-GO, 2017 - Foto José Loures)

Ato IX - Tema o Homem, Ame o Lobo.

Tenra garota  
tenra garota  
não temas esse Lobo que te toca  
com a língua em riste  
Ele te protegerá de todas as ovelhas  
que fingem serem Lobos.  
Tema o homem,  
ame o Lobo.  
Tema o homem,  
ame o Lobo.  
(repete 11 vezes)

Este ato completamente iconoclasta traz o conceito de que se pode confiar plenamente no ser selvagem ao passo que na civilidade do homem, não. O ato fecha o show com chave de ouro. Uma faixa em que o Ciberpajé contracena com o vídeo recitando a música enquanto ele é exibido. A animação exclusiva, criada pelo artista George Chiavegato em parceria com o Ciberpajé, é muito excitante e o final dela, surpreendente. Ao mesmo tempo, a dupla de performers Luiz Fers e Amanda Caroline complementam a atmosfera da animação com uma performance ousada.

Esse ato mágico final vem para consolidar o caráter animalesco que o Ciberpajé assume e ao se transformar durante a performance, ou seja, ele põe em prática através da performance artística a incorporação do seu totem xamânico e assim recria sua realidade.

Segundo Cohen:

O artista recriando imagens e objetos continua sendo aquele ser que não se conforma com a realidade. Nunca a toma como definitiva. Visa, através do seu processo alquímico de transformação, chegar a uma outra realidade – uma realidade que não pertence ao cotidiano. Essa busca é uma busca ascética talvez, a do encontro do artista, criador, com o primeiro criador (COHEN, 2002, p. 61-62).

Glusberg (2009) afirma que o performer está plenamente consciente de estar “ali”, no “aqui e agora”, e a possibilidade de usar seu corpo como um signo artístico deriva de sua consciência. Ao transformar seu corpo em signo, de forma simultânea, se transforma uma virtualidade em realidade. Nesse sentido, existe uma relação essencial entre a magia e a body art: a arte é magia prática e não magia teórica.

Cohen (2002) destaca que uma das características da performance é o ensaio, o planejamento, ao passo que no happening o que prevalece é o improvisado. Sobre isso destaquei em minha resenha:

Vale destacar que a performance de todos os integrantes da banda é fruto de trabalho intenso. Muitos pensam que aquelas performances loucas são feitas “no improvisado”, ou que o Posthuman Tantra anarquiza em seus atos, mas a banda faz essa brincadeira que é séria e sei que eles chegam a ensaiar por mais de 4 horas cerca de 2 vezes por semana, testando som, equipamentos, iluminação, coreografias, e tantas outras coisas para que tudo saia perfeito.

Na resenha eu já estabeleço uma conexão entre as performances do Ciberpajé e os atos poéticos do artista chileno Alejandro Jodorowsky:

Não posso deixar aqui de estabelecer um paralelo entre as performances do Posthuman Tantra e os atos poéticos de psicomagia elaborados por Jodorowsky, atos que são construções de realidades através da arte, pelo mago-artista.

Alejandro Jodorowsky nasceu em 24 de outubro de 1929, em Tocopilla, no Chile, é escritor, poeta, dramaturgo, diretor de cinema e teatro, ator, produtor, compositor, filósofo, especialista em tarô e quadrinista autoral. Radicado em Paris, o artista tornou-se

ícone da arte contemporânea e precursor da arte multimídia. Pereira (2017) descreve uma passagem da vida de Jodorowsky, quando ao chegar em Paris, procurou o artista surrealista André Breton e não foi atendido de pronto, atitude que o fez criar o movimento Pânico:

Em paralelo ao seu envolvimento com o teatro mexicano, ele tentou manter contato com os artistas do Movimento Surrealista francês, pois tinha total admiração pelos princípios estabelecidos por ele e também pelas obras plásticas, literárias e cinematográficas criadas pelos artistas que o compunham. Em 1963, Jodorowsky procurou André Breton, líder daquele movimento, para estabelecer contato e intercâmbio artístico. A proposta era discutir criticamente quais seriam os possíveis novos caminhos para a arte surrealista francesa; no entanto, Breton não se disponibilizou para o encontro. Tal atitude provocou o artista chileno a criar o seu próprio coletivo, intitulado Movimiento Pánico. Mais do que um descontentamento com o conservadorismo de Breton, esta organização foi uma insurgência reativa de Alejandro Jodorowsky aos seus próprios desejos artísticos, suas próprias vontades de experimentação manifestadas junto a um grupo de artistas como Fernando Arrabal e Topor. Apesar de não ter sido desenvolvido como uma corrente artística, o Movimiento Pánico tornou-se basilar para a construção da obra de Jodorowsky na cena teatral, no cinema, na escrita de textos dramatúrgicos, nos quadrinhos, enfim, em toda a sua produção artística (PEREIRA, 2017, p 23).

A trajetória artística de Jodorowsky tangencia vanguardas europeias no início do século XX, com influência explícita dos artistas surrealistas Artaud e Jean Cocteau, Buñuel e Breton. Capitaneando o (anti) Movimento Pânico realizou diversas performances com forte caráter experimental (RIBEIRO, 2016). Segundo Pereira (2017, p. 32) “Efímero pânico são ações cênicas que Jodorowsky começou a realizar na década de 60, eram executadas apenas uma vez e subvertiam a ordem do teatro tradicional e buscavam que o sujeito que participava do acontecimento estivesse presente nas ações, no tempo e no espaço se relacionando com o agora”.

A arte da performance tem em sua gênese o caráter contestatório, de resistência, do choque face à rotina cotidiana. Conforme Cohen (2002) “o discurso da performance é o discurso radical” (p. 88), da contra cultura, do underground, da ruptura. A exemplo disso, um dos precursores da performance, John Cage, inovou ao criar a controversa 4’33” “tocando” o piano silenciosamente, compondo uma “música” com o ruído do ambiente; e Jodorowsky por sua vez, destruiu um piano a marretadas ao vivo em um programa de televisão. Para Jodorowsky, o evento pânico o ajudava a externar traumas sofridos durante

a infância que a irmã pianista causou em sua vida. Apesar da grande audiência que a performance gerou à emissora, o ato gerou forte indignação do público.

Em entrevistas, Franco já relatou sobre a reação das pessoas (sociedade/meios acadêmicos) ao se declarar Ciberpajé e/ou em apresentações do Posthuman Tantra. Há relatos de pessoas que se retiraram ofendidas e aquelas que se emocionaram durante as apresentações performáticas da banda, segundo ele em entrevista a Fortuna para a TIEFEN DER SEELE Magazine (FRANCO, 2014, s.p.) :

(...) Desconfio do aplauso e respeito profundamente a vaia. O aplauso pode vir por polidez, por educação, a vaia nunca, a vaia SEMPRE é genuína. O Posthuman Tantra se apresenta quase sempre em espaços uterinos, onde por mais que as pessoas se choquem, se comovam ou sintam ojeriza, vão fingir que ao menos acharam palatável, vão aplaudir. Obviamente sei quando a apresentação está sendo marcante por algumas manifestações do público, como gritos, comentários, ou risadas histéricas, às vezes lágrimas nos olhos! E quando nos apresentamos em ambientes hostis, o significado de nossa mensagem é muito mais poderoso, nesses ambientes a vaia é inevitável e já aconteceu até a nossa expulsão do palco, o ano passado (2013) num evento de pesquisa internacional na Unievangélica, de Anápolis, Goiás. Fomos convidados pela coordenação do evento, começamos com um auditório cheio - mais de 400 pessoas -, público hostil, formado em grande parte por dogmáticos. Durante as três primeiras músicas as pessoas foram se retirando, na quarta música, sobraram só umas 50 pessoas na plateia, e essas aplaudiram, mas a coordenação do evento censurou-nos e parou a performance, previamente combinada para ter oito atos! A arte deve ser iconoclasta, repito que não crio arte para entreter ninguém, crio arte para refletir e transformar a realidade, manipulo símbolos e reconstruo o mundo. Então louvo as vaias, pois incomodar as pessoas nesse mundo apático e alienado tem um importante significado. E também agradeço de coração os aplausos sinceros das pessoas que tenho tocado com minha arte!

Os atos artísticos que não se pautam pela receptividade do público remete ao que Cohen (op. cit.) diz que “a linguagem da performance é a reversão da mídia”. Se por um lado a mídia massiva busca a todo instante vender e entreter o público, o artista genuíno se coloca contrário a esta visão. Na mesma perspectiva, Franco em entrevista a Barros (2016, s.p.) afirma “destaco que minha arte não visa entreter ou agradar ninguém, minha arte é um processo ritualístico de autotransformação, esse é seu objetivo fundamental, então, sinceramente não me preocupo com a sua recepção, se for boa, tudo bem, se não for, mantenho-me centrado e sereno”.

Coehn (2002) afirma que os modos inventivos e ações ideológicas da performance art perpetrados por Joseph Beuys, pelos situacionistas de maio de 1968 e pela ação antiartística ou contracultural do Fluxus, hoje são contra absorvidos ou antropofagizados pelos mecanismos da indústria cultural e da mídia que diluem a virulência antissistema inerente da performance art, que, dos reality shows aos contorcionismos dos apresentadores “performáticos” da MTV, buscam cooptar a arte da performance, porém destituindo sua virulência transformadora. Na mesma perspectiva, Franco afirmou em uma entrevista:

(...) Resgato o pensamento de um dos maiores artistas contemporâneos, o quadrinista inglês Alan Moore, (...) que ressalta que o verdadeiro artista dá às pessoas “o que elas precisam” e não “o que elas desejam”! A arte foi engolida pelo entretenimento no século 20, e o senso comum passou a considerar o entretenimento vazio produzido pelo mundo da mídia de massa como arte. Veja que até as nulidades que participam de reality shows são consideradas “artistas”. A publicidade, um mundo repleto de “magos negros”, atua no status quo manipulando símbolos simplesmente para induzir ao consumo. A publicidade é limpa, polida, bela, com rostos jovens, famílias bem nutridas, tudo é asséptico, quase hospitalar, nesse mundo idealizado da indução ao consumo. As pessoas que saíram da sala de espetáculo durante a nossa apresentação me deixam orgulhoso, pois tenho certeza de que meu objetivo artístico está alcançando resultados. Não existe arte verdadeira que não provoque e não incomode! (FRANCO, 2011, s.p.)

Não obstante, Jodorowsky acreditava que os “atos poéticos” possibilitavam a transcendência humana. De acordo com Ribeiro (2016), os chamados “atos poéticos” desenvolvidos por Jodorowsky e seu amigo, o poeta Enrique Lihn, consistiam em experiências inusitadas como atravessar a cidade em linha reta, buscando vencer quaisquer obstáculos que surgissem pela frente, mesmo que isso implicasse passar por dentro de casas, lojas, por cima de carros, pular muros, etc; percorrer a cidade com uma caixa cheia de moedas deixando-as cair pelo caminho, invadir uma reunião da Academia de Letras, jogando pedaços de carne crua sobre os acadêmicos, entre outros. Segundo Jodorowsky “para nós a poesia era uma convulsão, um terremoto. Ela tinha que denunciar as aparências, desmascarar a falsidade e questionar os convencionalismos” (JODOROWSKY, 2009, p. 113).

Além dos atos poéticos em 1940, Jodorowsky promovia festas performáticas em seu ateliê onde reunia amigos e artistas de Santiago, como Nicanor Parra e Enrique Lihn, em



festas, que segundo ele, eram como *happenings*, que viriam a se instituir no contexto das artes décadas depois. Na década de 1990, Jodorowsky começa a enveredar a criação e prática de técnicas psico-magico-terapêuticas. Essas técnicas são psicomagia, psicogenealogia e psicoxamanismo que culminarão em sua filmografia a partir de então.

Descrevendo os seus filmes como “psicomagia”, terapia baseada na crença de que a execução de certos atos simbólicos atuam sobre o inconsciente, libertando-o de traumas, Jodorowsky afirma: “Para mim, a arte que não serve um propósito de cura não é arte”. O artista tem influências do surrealismo e da estética circense, manifestando interesse pela linguagem gestual, rituais, performances e *happenings*, no intuito de quebrar a barreira entre o palco/tela e o público (CARRILHO, 2016).

Outra artista que desenvolve arte visceral como performer na busca da transcendência é Marina Abramovic. Exponente da performance art no mundo, desde o final dos anos 80, (após a performance em que rompeu o relacionamento com Ulay, seu ex-marido e companheiro de performance), começou uma jornada espiritual percorrendo diversos lugares: tribos aborígenes da Austrália, monges tibetanos, veio ao Brasil buscando novas ideias a partir dos diferentes minérios e cristais que existem no solo e passou a aplicá-los em performances e instalações. Essa busca consistia em compreender o corpo como meio de tecnologia transcendental e identificar as relações entre o ritual e a performance. O vínculo crescente estabelecido entre a arte e a espiritualidade a fez questionar-se “Como eu posso ajudar a despertar a consciência através da arte?”. No documentário “Espaço Além” dirigido pelo brasileiro Marco Del Fiol, é mostrada a trajetória da artista em busca de pessoas e locais de poder no Brasil em contato com médiuns, religiões, seitas, yalorixás, curandeiros, rituais xamânicos e espaços esotéricos. Como ela diz no filme: “Eu sempre me perguntei qual a conexão entre rituais e performance. Acredito que a conexão está na transformação. Depois que vivencia um ritual, você não é mais o mesmo. Você aprende alguma coisa. Torna-se diferente. A performance é muito parecida. Você cria um roteiro e, durante a performance, você lida com o que eu chamo de ‘eu superior’. Você se propõe a executar uma tarefa muito difícil. Quanto mais forte a performance, mais forte será a transformação” (NONADA, 2016).

E nessa mesma perspectiva de Abramovic e Jodorowsky, o Ciberpajé segue pelas mesmas sendas, nos limites entre a arte, magia, xamanismo e cura interior, rumo à

integralização de ser. Finalizando a resenha destaquei como o impacto sobre a performance em mim fez com que eu refletisse sobre quem eu sou:

E já finalizando essa resenha-viagem, devo dizer que o Posthuman Tantra é uma banda, que assim como outros desdobramentos transmídia da Aurora Pós-Humana, tem em sua essência uma verve poético-filosófica que nasce no ideário cósmico e iconoclasta desse ser incrível que é o Ciberpajé! Uma honra estar lá! Em minha busca por transcendência, ainda não sei quem sou (e nem sei se saberei um dia), mas com certeza aquele que se deixa envolver pela performance não sai o mesmo de quando entrou. E esta é a resenha do meu eu “pós” Posthuman Tantra, uma resenha que tem a pretensão de ser mais uma expansão da Aurora Pós-Humana ilustrada fabulosamente com a arte do Jorge Del Bianco em sua sensível e talentosa percepção, reunindo aqui o meu olhar, e o dele, juntos neste ensaio-resenha. O olhar de pessoas que têm um forte afeto por essa banda e os seres que a compõem. Espero viver outras experiências de ser e estar com o Posthuman Tantra. Vida longa à arte genuína!

Glusberg (2009) por vezes remete a arte da performance à arte da magia como fontes indissociáveis. Neste trecho ele sintetiza este pensamento de forma coesa, ideia que se aplica perfeitamente às performances do Posthuman Tantra e ao performer Ciberpajé:

Os magos – e voltamos a eles novamente – sabiam: a estrutura das ações é regida por movimentos secretos e processos invisíveis. O aspecto mágico da performance leva em conta esta antiga sabedoria: o movimento do corpo é poderoso o suficiente para evocar algo que está sempre além dos níveis de consciência. Na performance, os sentidos são evocados com um propósito que os transcende: a essência das atividades do performer reside nessa transcendência. A relação entre magia e performance, para explicar os fenômenos da essência e da aparência, vai mais além ainda. Certos performers se convertem em aprendizes de bruxos, pois não deixam sair seus desejos. Somente quando isso ocorre, quando o desejo se transforma em movimento e em tempo, é que o performer e a performance se tornam vivos. Não é uma metáfora: eles adquirem vida e ao mesmo tempo arrancam fragmentos de vida. Da vida de todos. (p.126)

## **DESDOBRAMENTOS DA INFLUÊNCIA DO CIBERPAJÉ EM MINHA TRANSFORMAÇÃO EM IV SACERDOTISA**

Finalizando as conexões entre as performances, a transmutação em Ciberpajé e a vida, e a influência mítica para minha atuação como IV Sacerdotisa, Franco e Barros (2015) destacam que o Ciberpajé delega à arte o papel primordial de promover a autotransformação na busca da própria estruturação como ser, ser integral, e em segunda

instância busca contaminar positivamente as pessoas no sentido de buscarem sua integralidade. A ideia de “arte como cura”.

Esse contágio de quem “tem coragem de ser” me tocou, e tudo começou quando Franco me inseriu em seu universo ficcional da Aurora Pós-Humana em novembro de 2012, nomeando-me como IV Sacerdotisa<sup>6</sup> por me considerar como uma das pessoas mais afinadas com sua obra, arte e ideário. Essa nomenclatura não tem nenhuma relação com religião e sim como performance artística, uma vez que passei a ser personagem deste universo em quadrinhos, e que assumi como parte da minha retomada a arte, assinando desenhos e textos poéticos com essa nomenclatura/pseudônimo, consolidando minha descoberta como artecientista. Uma das primeiras transformações ao tornar-me sacerdotisa foi o retorno ao desenho, algo que eu fazia quando era criança e havia abandonado. A partir dessa retomada criei em 2014, minha personagem de quadrinhos denominada Sibilante, uma indígena que representa meu alter ego. Ao descobrir-me capaz de criar, me senti movida a instigar que outras pessoas também se descobrissem criadoras, e foram nas oficinas de quadrinhos e fanzines realizadas durante a pesquisa de doutorado onde pude exercer esse estímulo à criação autoral em cada pessoa.



Personagem Sibilante criada por Danielle Barros IV Sacerdotisa

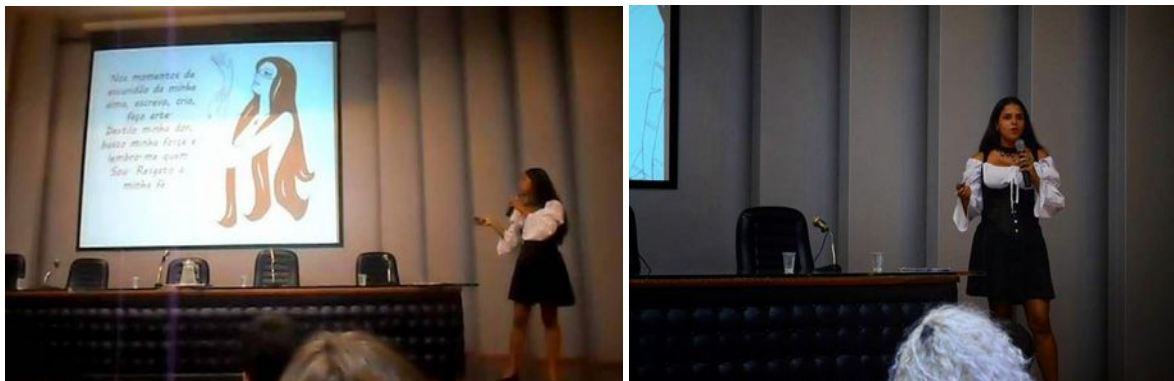
Desde que me tornei sacerdotisa já foram dezenas de fanzines criados, revista em quadrinhos lançada em Festival Internacional de Quadrinhos, apresentações em congressos relacionados às criações com Edgar Franco, um livro publicado em co autoria e participação em mais de 5 capítulos de livros em parceria, ilustração de capa de livro,

<sup>6</sup> Na Aurora Pós-Humana existem diversos seres híbridos animais/vegetais/humano/pós-humano, espécies, "castas", culturas antagônicas pós-humanas e, nesse contexto, ser sacerdotisa é uma das formas de existir nesse universo, como parte dos seres humanos “resistentes”.

ensaios performáticos fotográficos, gravações de entrevistas e vídeos, e tantas outras realizações. Passei a assinar artigos acadêmicos incluindo o termo “IV Sacerdotisa” em meu mini currículo enquanto performer artística, sobretudo, passei a ter coragem de me vestir como eu sempre quis, a expor meus pensamentos, a ser eu mesma.



Apresentação da IV Sacerdotisa sobre os HQforismos e a Aurora Pós-Humana - Ciberpajé e IV Sacerdotisa durante a II Jornada Internacional Geminis na UFSCar



IV Sacerdotisa da Aurora Pós Humana participa do primeiro evento no Brasil sobre o tema mulheres e quadrinhos I Lady's Comics 2014 em BH-MG

A atitude de assumir-me como IV Sacerdotisa, no ambiente da academia, sobretudo na minha área de formação inicial (biologia e saúde), que também é chamada de “ciências duras”, foi motivo de resistência, piadas e questionamento. Ao assumir a persona de IV Sacerdotisa na vida artística, acadêmica e na vida pessoal, em uma perspectiva da *live art* (COHEN, 2002), a arte da performance se apresenta como ato revolucionário e político por ser uma maneira de posicionamento diante da vida, uma forma de resistência contra os ditames estabelecidos, em prol do autoconhecimento, pela arte genuína, pela busca da integralização do ser e da auto expressão. Ou seja, é uma forma de “ter coragem de ser”

você mesmo, ainda que nos julguem: demodê, brega, louca, sem noção, etc.; mas ter coragem de nos aceitarmos, em um ato de auto amor, não pautado na eterna busca por aceitação alheia. Sobre este aspecto, Franco afirma:

Minha obra é a mais política de todas as obras, se considerarmos a política o cerne da transformação! Ela ascende sobre a superficialidade dessas outras obras pseudo-políticas, até partidárias, bandeiras de minorias, ilusões de igualdade. Não adiantam marchas e apelos de movimentos sociais, minorias étnicas, religiosas, ou tudo mais, isso é apenas maquiagem, a única revolução possível é a do indivíduo! Minha obra trata da mudança que deve acontecer no cerne de cada indivíduo, na transformação de sua consciência, na autoaceitação, na busca por ser integral. Essa é a única revolução possível e a mais importante de todas. Minha causa é a essência do ser, é ela que me interessa, as outras discussões são adereços que acabam eclipsando o mais importante: a busca de ser! (FRANCO, 2011, s.p.)



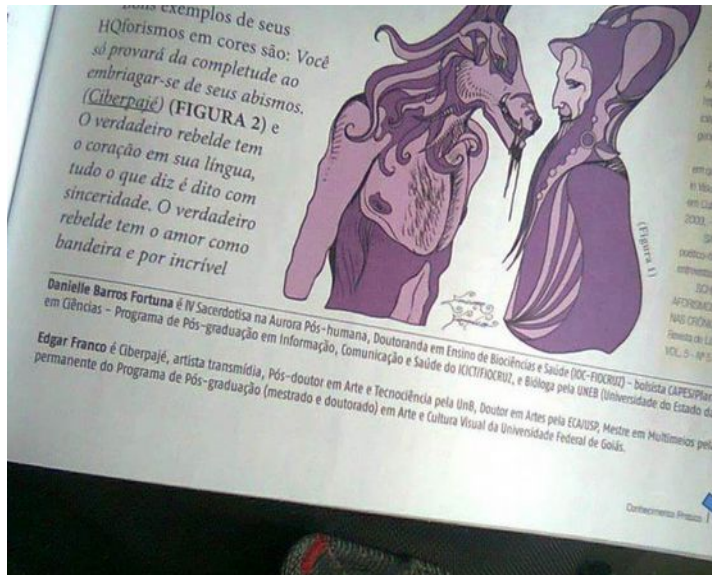
Ciberpajé e IV Sacerdotisa em 2 momentos, à esquerda quando nos conhecemos no II Encontro Nacional de Estudos sobre Quadrinhos, UFPE, Recife (agosto 2012) e à direita, 2 anos depois, na I Jornada Temática de Histórias em Quadrinhos – Adaptações Literárias, na UNIFESP (agosto 2014).



Foto da esquerda: Série de vídeos "Conversas com o Ciberpajé. Foto da direita: Ciberpajé e IV Sacerdotisa fotografados por Kyro, Ensaio 11, Belo Horizonte, 2013 - Foto publicada na revista colombiana La Chueca, edição fev/mar 2015.



Ciberpajé e IV Sacerdotisa em lançamento oficial da Revista Sibilante no Festival Internacional de Quadrinhos (FIQ), em Belo Horizonte, 2015.



Exemplos em que assinei trabalhos de arte e acadêmicos com o nome IV Sacerdotisa

Vale destacar, que, essa retomada ao mundo dos quadrinhos, ao desenho e a descoberta da expressão de escrita poética tem um significado e impacto muito forte em minha vida, e conseqüentemente em minhas criações e pesquisas. Assim como Root-Bernstein et al (2011) destacam no manifesto ArtScience, quem pratica ArtScience é artista e cientista em simultâneo bem como as criações, que envolvem, transcendem e integram todas as disciplinas e formas de conhecimento. Dessa forma, sinto-me como uma artista cientista, uma vez que minha experiência humana envolve todos os aspectos da vida pessoal, espiritual, acadêmica, artística, nessa minha descoberta na arte. Portanto, nessa perspectiva, não há “separação” da faceta pesquisadora, da faceta artística, cientista, educadora, da faceta mãe, filha, cidadã, mulher. Essa autotransformação tem me tornado alguém mais humana, compreensiva, empática com os outros, pois ao aceitar-me e buscar o amor próprio pude desenvolver o senso de altruísmo a cada dia, sem negar meu lado sombrio inerente a cada ser.

A atuação performática do Ciberpajé, que, como vimos se efetiva tanto em apresentações performáticas do Posthuman Tantra quanto na vida pessoal, ensejou uma relação mítica de tal forma que acabei tornando-me parte de seu universo ficcional, tendo coragem de Ser, recriando minha realidade de forma mágica e artisticamente, na busca espiritual, e de evolução transcendente no universo. Assim como o Ciberpajé, busco

disseminar a semente da arte e do amor incondicional para outras pessoas, incentivando que cada um encontre-se e descubra-se artista e criador, curando a si mesmo. Esta é uma das mensagens principais da Aurora Pós-Humana.

## **BIBLIOGRAFIA**

CARRILHO, C.A. Poesía sin fin (2016) de Alejandro Jodorowsky. CRÍTICAS, EM SALA. 29 dezembro de 2016. Disponível em <http://www.apaladewalsh.com/2016/12/poesia-sin-fin-2016-de-alejandro-jodorowsky/>

COHEN, R. A performance como linguagem. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FRANCO, E.S. A Transmutação em Ciberpajé: Transmídia, Performance e Vida.. In: #11ART - Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (UnB), 2012, Brasília. Anais#11ART. Brasília: UnB, v. 1. p. 1-11. 2012.

FRANCO, E.S. Um artista pós-humano. Opção Cultural. Entrevista a Ademir Luiz e Ligia Carvalho. Edição 1869 de 1º a 7 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/posts/opcao-cultural/um-artista-pos-humano>

FRANCO, E.S. HQ EXPANDIDA: DAS HQTRÔNICAS AOS PLUG-INS DE NEOCORTEX.#15 ART International Meeting of Art and Technology. Anais do 15º International Meeting of Art and Technology. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

FRANCO, E.S. O Ciberpajé e o Possível Hackeamento do Corpo Humano - Entrevista para Revista ComCiência (UNICAMP). Entrevista ao Ciberpajé Edgar Franco, por Tiago Alcântara - Jornalista do LABJOR (Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo) e da Revista ComCiência (UNICAMP). 2016. Disponível em: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/02/o-ciberpaje-e-o-possivel-hackeamento-do.html>

FRANCO, E.S. 10 anos de Pós-humanidade. Entrevista concedida a Danielle Barros Fortuna para a TIEFEN DER SEELE Magazine. 60 páginas, Publicação online, 2014. Disponível em: [http://www.4shared.com/office/c3jM4MaJce/TDSM\\_-\\_01.html](http://www.4shared.com/office/c3jM4MaJce/TDSM_-_01.html)

FRANCO, E.S. PROCESSOS CRIATIVOS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS POÉTICO-FILOSÓFICAS: A REVISTA ARTLECTOS E PÓS-HUMANOS 6. Anais das 2as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo, ago de 2013.

FORTUNA, D.B.S. Adaptação De Uma HQ Poético-Filosófica Para Performance Transmídia: Da Hq “Borbopoemas” À Performance “O Selvagem”. VII Simpósio Nacional de História Cultural História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras E Recepções Universidade de São Paulo – USP São Paulo – SP 10 e 14 de Novembro de 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Danielle%20Barros%20Silva%20Fortuna.pdf>



FRANCO, E.S., FORTUNA, D.B.S. Processos criativos de quadrinhos poético-filosóficos: A revista Artlectos e Pós-Humanos. Série Quadrinhos Poético-filosóficos, 5. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2015. 108p.

FRANCO, E. FORTUNA, D. Histórias em Quadrinhos, Performance e Vida: Da "Aurora Pós-humana" à "Ciberpajelança". Anais do I Entre Aspas - Encontro de Pesquisadores em Arte Sequencial. Histórias em quadrinhos, performance e vida: da Aurora Pós-Humana à Ciberpajelança. Leopoldina: ASPAS, 2015.

FRANCO, E.S, BARROS, D.B.S. NOISIGIL - Primeiro "Sigilo Sonoro Ocultista" do Posthuman Tantra. Entrevista ao Ciberpajé sobre o lançamento do single "noisigil", conduzida pela IV Sacerdotisa da Aurora Pós-humana Danielle Barros. 2 de maio de 2016. Disponível em: <http://ciberpaje.blogspot.com.br/2016/05/noisigil-primeiro-sigilo-sonoro.html>

FRANCO, E.S., FORTUNA, D.B.F. TRANSMÍDIA E CRIAÇÃO ARTÍSTICA AUTORAL: A AURORA PÓS-HUMANA. Art&Sensorium – Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais da Unespar/Embap - Vol.02 - N°01, 2015.

FRANCO, E.S.; FORTUNA, D.B.S. A censura à “Sex Bot Mantra”: uma performance baseada nos quadrinhos do Ciberpajé Edgar Franco. Anais do 5º Colóquio Filosofia e Quadrinhos - UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, outubro de 2015.

GLUSBERG, J. A Arte da Performance. [tradução Renato Cohen]. São Paulo: Perspectiva, 2009.

JODOROWSKY, A. A dança da Realidade. São Paulo: Devir, 2009.

LEÃO, L. (org.). O Chip e o Caleidoscópio: Reflexões Sobre As Novas Mídias, São Paulo: Editora Senac SP, 2005.

MINAYO, M. C. S. (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

NONADA, Jornalismo Travessia. Cinema/Resenha. Marina Abramovic e a arte para transcender consciências. Junho, 2016. Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2016/06/marina-abramovic-e-a-arte-para-transcender-consciencias/>

PEREIRA, F.T. Vidas submersas - o entre atos de olhares: Alejandro Jodorowsky e sua obra multimídia. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Faculdade de Letras, 2017.

RIBEIRO, A.C. Sonho e Cura: A narrativa como patologia no cinema terapêutico de Jodorowsky. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, 2016.

ROOT-BERSNTEIN R, SILER T, BROWN A, SNELSON K. Manifesto ArtScience. In: ArtScience: Integrative Collaboration to Create a Sustainable Future. Leonardo. 44 (3): 192, 2011.

SANTOS NETO, E. “O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro.” In Visualidades – Revista do Programa de Mestrado em Arte e Cultura Visual da FAV/UFG, Vol. 7 n. 1, Jan/Jun 2009, - Goiânia - GO: UFG, FAV, 2009, p.68-95

SANTOS NETO, E. Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas. Série Quadrinhos Poético-filosóficos, 1. João Pessoa: Marca de Fantasia, 116p. 2012.

SMANIOTTO, E.I. Por uma Antropologia do Ciberpajé: Misticismo e Transcendência Tecnológica na Obra Ficcional Transmídia de Edgar Silveira Franco. VII Simpósio Nacional de História Cultural História Cultural: Escritas, Circulação, Leituras E Recepções. Universidade de São Paulo – USP São Paulo – SP 10 e 14 de Novembro de 2014. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br/VIIsimposio/Anais/Edgar%20Indalecio%20Smaniotto.pdf>

**AGRADECIMENTO** à Ariadne Rengstl pela tradução do resumo e ao José Loures pelo registro fotográfico das performances do Posthuman Tantra.